

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ  
CENTRO DE PESQUISAS AGGEU MAGALHÃES  
PROGRAMA DE RESIDÊNCIA MULTIPROFISSIONAL EM SAÚDE COLETIVA

LUIGI DEIVSON DOS SANTOS

PERFIL DOS LUGARES DE USO DE *CRACK* NA CIDADE DO RECIFE

RECIFE  
2013

LUIGI DEIVSON DOS SANTOS

O PERFIL DOS LUGARES DE USO DE *CRACK* NA CIDADE DO RECIFE

Monografia apresentada ao Programa de Residência Multiprofissional em Saúde Coletiva do Departamento de Saúde Coletiva, Centro de Pesquisa Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz, para obtenção do título de especialista em saúde coletiva.

Orientadora: MSc. Naíde Teodósio Valois Santos

Recife

2013

**Catálogo na fonte: Biblioteca do Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães**

---

S237p Santos, Luigi Deivson dos.  
O perfil dos lugares de uso de *crack* na cidade do Recife / Luigi Deivson Santos. — Recife: O autor, 2010.  
70 f.: il.

Monografia (Residência Multiprofissional em Saúde Coletiva) – Departamento de Saúde Coletiva, Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz.

Orientadora: Naíde Teodósio Valois Santos.

1. Drogas ilícitas. 2. Cocaína Crack. 3. Comportamento de Procura de Droga. I. Santos, Naíde Teodósio Valois. II. Título.

CDU 343.976

---

LUIGI DEIVSON DOS SANTOS

O PERFIL DOS LUGARES DE USO DE *CRACK* NA CIDADE DO RECIFE

Monografia apresentada ao Programa de Residência Multiprofissional em Saúde Coletiva do Departamento de Saúde Coletiva, Centro de Pesquisa Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz, para obtenção do título de especialista em saúde coletiva.

Aprovado em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

MSc. Naíde Teodosio Valois Santos (Orientadora)  
Centro de Pesquisa Aggeu Magalhães/Fiocruz

---

Ph. D. Roberta Uchoa  
Departamento de Serviço Social/UFPE

---

Ph.D. José Arturo Costa Escobar  
Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Psicoativos  
Grupo de Estudos sobre Álcool e outras Drogas/UFPE

**Dedico esse trabalho a todos os sujeitos que ainda agonizam e solicitam uma atenção do Estado para o trato do sofrimento psíquico ligado ao uso problemático do *crack*.**

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente devo agradecer a todos os meus familiares que aturaram o meu distanciamento e imersão nesses dois anos de residência.

Agradeço a minha querida e parceira mãe, Maria de Fátima, que mesmo com seu coraçãozinho apertado sempre torceu e acreditou no caminho que venho traçando na minha vida.

Agradeço a meu pai e irmão, Gercino, por toda dedicação e luta nesses anos para me garantir uma boa referência e espaço de crescimento.

Agradeço a minha linda flor Clarinha, essa pequena que não cansa de me dizer que me ama. Cada palavra, sorriso e momento foram fortalecedores e motivadores para continuar minha caminhada nesses dois anos. Te agradeço minha filha.

Agradeço a Rhayssa, essa bela pessoa que voltou a iluminar meu caminho com seus sorrisos e cuidado ativo. Te amo minha linda companheira.

Agradeço a minha querida tia Auxi, por todo o seu empenho e dedicação na minha formação.

Agradeço aos meus primos Jr. Grud e Kikil pelos vários momentos de reflexão e de distração em Mário, Olinda e shows de reggae... cantando e louvando a vida sob a melodia relaxante desse ritmo. Agradeço igualmente a suas companheiras Cabo Rebecão e Mariana, duas rosas que sempre me acolheram.

Não posso deixar de agradecer o apoio de todos os residentes de minha turma, que foram partes provocadoras de idéias e motivadoras para que continuasse na trilha da saúde mental, mesmo quando ensaiava seguir por outros caminhos. Então agradeço a presença de vocês em minha vida e toda a contribuição que tiveram para o meu crescimento nesses dois anos de convivência intensa na residência de saúde coletiva. André, Barbara, Cintia, o louco do Carlos, Eliane, a flor da Edivânia,

Jú, a baia Lidi, o doutor Lídio, Manu, Michele, Clarinha, o amarelo do Pedro e o batráquio do Paulino.

Agradeço também o compromisso de alguns professores com o programa e que por isso foram igualmente importantes para esse trabalho: Domicio, Abel, Idê e Islândia.

Agradeço a todo o esforço que a equipe de pesquisa despreendeu para a coleta desses dados. Equipe essa que em várias noites ficava de prontidão até uma hora da manhã a espera de usuários para realização de entrevista, equipe essa que dedicou várias horas de seu precioso tempo de descanso para estar contribuindo com esse momento histórico de olhar para essas pessoas que sofrem com o uso de drogas. Ai vai meus agradecimentos a Marcio, Gojoba, Wagner, Arturo, Claudia, Flávio, André capoeira, André, Manuel, Antônio, Francisco, Edna, Renata, Rossana, Pollyana, Ana Marta, Ana Maria, Lucila, Fabíola, Suzana, Débora, Khaled, Angélica, Carla, Grase e Ana Brito.

Tenho que agradecer especialmente a minha querida e dedicada orientadora, que nesses anos mostrou-se completamente envolvida com essa pesquisa reservando todo o tempo que não tinha para o cuidado e organização dos dados. Pensando em tudo, desde o trato e cuidado com os pesquisadores, até toda a logística necessária para concretização da coleta. Essa pessoa foi literalmente o coração da equipe, pulsava a energia na velocidade necessária para influenciar a todos. Eu e todos os profissionais da Saúde Mental de Recife te agradece Naíde por todo o seu empenho nessa pesquisa que ainda há de nos oferecer belos frutos e instrumentos de trabalho para nosso dia a dia.

*“Não preciso me drogar para ser um gênio;  
Não preciso ser um gênio para ser humano;  
Mas preciso do seu sorriso para ser feliz.”*

**(Charles Chaplin)**



SANTOS, Luigi Deivson. **O perfil dos lugares de uso de crack na cidade do Recife. 2013.** Monografia (Residência Multiprofissional em Saúde Coletiva) - Centro de Pesquisa Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz, Recife, 2013.

## RESUMO

Apesar do *crack* não figurar entre as drogas ilícitas mais consumidas no Brasil, é considerada com um problema de saúde pública. A rápida, intensa e curta duração de seu efeito e, conseqüentemente, a abstinência e necessidade de novo uso – a chamada fissura, associadas à falta de condições financeiras para suprir esta demanda, colocam o usuário em situação de fragilidade, na qual se submete a estratégias de risco para obtenção da droga, como o envolvimento com o tráfico, a troca de sexo, sem proteção, por dinheiro ou drogas e a prática de delitos como roubos e assalto. Procurou-se apreender aqui os lugares de uso de *crack* como uma dimensão que precisa ser considerada no entendimento da situação de vulnerabilidade relacionada ao uso da droga, e não apenas como “um cenário de fundo”, apoiando-se no arcabouço teórico da geografia crítica de Milton Santos. O trabalho tem como objetivo caracterizar o perfil dos lugares de uso de *crack* na cidade do Recife. Trata-se de um estudo exploratório descritivo e os dados analisados são integrantes da Pesquisa Nacional sobre o “Perfil dos usuários de *crack* nas 26 capitais, Distrito Federal e 9 Regiões Metropolitanas”. Foram utilizados como fonte de dados 197 cadernos de campo contendo o registro das visitas realizadas à amostra de “lugares de uso de *crack*” mapeadas. Encontramos mais usuários em média quando a visita ao lugar de uso foi realizada no período noturno, em um cenário que tinha a predominância de comércios, com movimentação intensa de pessoas, policiamento presente, onde haviam outras atividades psicotrópicas (tráfico e aquisição de recursos), nos espaços onde ocorria o uso em via pública e onde haviam péssimas condições de limpeza. Podemos concluir que os espaços apropriados para o uso do *crack*, se tratam de lugares insalubres e de alto risco social. Os usuários não se submetem apenas a estratégias de risco para a busca da droga, se submetem a riscos também para consumi lá.

**Palavras chaves: Drogas ilícitas, Cocaína Crack, Comportamento de procura de drogas**

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Distribuição dos lugares de uso de <i>crack</i> segundo a Região Político Administrativa (RPA). Recife, 2011/2012 .....	36
Tabela 2- Distribuição dos bairros segundo o número de lugares de uso. Recife, 2011/2012 .....	36
Tabela 3 – Distribuição dos lugares de uso de <i>crack</i> segundo momento de realização dos contatos para o desenvolvimento do campo. Recife, 2011/2012 .....	37
Tabela 4 – Distribuição dos lugares de uso de <i>crack</i> segundo o desfecho ocorrido durante a visita de campo. Recife, 2011, 2012. ....	38
Tabela 5 – Elementos apontados como facilitadores para o desenvolvimento das visitas de campo aos lugares de uso de <i>crack</i> . Recife, 2011/2012 .....	38
Tabela 6 – Elementos apontados como dificultadores para o desenvolvimento das visitas de campo aos lugares de uso de <i>crack</i> . Recife, 2011/2012 .....	39
Tabela 7 – Distribuição dos espaços de uso de <i>crack</i> segundo cenário predominante em seu entorno. Recife, 2011/2012 .....	39
Tabela 8 – Distribuição dos espaços de uso de <i>crack</i> , segundo a intensidade da movimentação de pessoas no local. Recife 2011, 2012 .....	40
Tabela 9 – Equipamentos sociais observados durante as visitas de campo aos espaços de uso de <i>crack</i> . Recife, 2011/2012 .....	40
Tabela 10 – Distribuição dos espaços de uso segundo o policiamento. Recife 2011, 2012 .....	41
Tabela 11- Distribuição dos espaços de uso de <i>crack</i> segundo atividades psicotrópicas. Recife 2011, 2012 .....	42
Tabela 12 Distribuição dos lugares de uso segundo o tipo de lugar. Recife, 2011/2012 .....	42
Tabela 13 – Distribuição dos espaços de uso segundo as condições de limpeza. Recife 2011, 2012 .....	43
Tabela 14 – Distribuição dos lugares de uso segundo o acesso ao lugar. Recife 2011, 2012 .....	43
Tabela 15 – Distribuição dos lugares de uso segundo número de usuários. Recife 2011, 2012 .....	44
Tabela 16 – Número de usuários de <i>crack</i> por lugar de uso segundo características da visita de campo, do espaço e do lugar. Recife, 2011/2012. (Continua) .....	44

Tabela 17 – Número de usuários de *crack* por lugar de uso segundo características da visita de campo, do espaço e do lugar. Recife, 2011/2012. (Conclusão).....45

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

FIOCRUZ	Fundação Oswaldo Cruz
INPAD	Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Políticas Públicas do Álcool e outras Drogas
ONU	Organização das Nações Unidas
RMR	Região Metropolitana de Recife
SENAD	Secretaria Nacional da política sobre Drogas
CEBRID	Centro Brasileiro de Informação sobre Drogas Psicotrópicas
USF	Unidade de Saúde da Família
CAPS	Centro de Atenção Psicossocial
CRAS	Centro de Referência da Assistência Social
CREAS	Centro de Referência Especializado da Assistência Social

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>1.1 O uso de drogas como problema de saúde pública .....</b>	<b>16</b>
1.1.1 Drogas e sociedade .....	16
1.1.2 Drogas e saúde pública.....	17
<b>1.2 Espaço e o uso de drogas .....</b>	<b>20</b>
1.2.1 Espaço .....	21
1.2.2 Lugar .....	23
1.2.3 Território.....	24
<b>1.3 Um olhar sobre os territórios psicotrópicos.....</b>	<b>24</b>
1.3.1 Pontos de venda .....	26
1.3.2 Pontos de consumo.....	27
1.3.3 Pontos de aquisição de recursos .....	27
<b>2 JUSTIFICATIVA /PERGUNTA CONDUTORA .....</b>	<b>29</b>
<b>3 OBJETIVOS.....</b>	<b>30</b>
<b>3.1 Objetivo Geral.....</b>	<b>30</b>
Caracterizar o perfil dos lugares de uso de <i>crack</i> na cidade do Recife.....	30
<b>3.2 Objetivos específicos.....</b>	<b>30</b>
<b>4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>31</b>
<b>4.1 Desenho do estudo .....</b>	<b>31</b>
<b>4.2 Fonte de dados.....</b>	<b>32</b>
<b>4.3 Análise dos dados.....</b>	<b>33</b>
<b>5 RESULTADOS.....</b>	<b>35</b>
<b>5.1 Desenvolvimento da observação de campo nos lugares de uso de crack ..</b>	<b>35</b>
<b>5.2 Espaços de uso de crack.....</b>	<b>39</b>
<b>5.3 Lugares de uso de crack .....</b>	<b>42</b>
<b>6 DISCUSSÃO .....</b>	<b>47</b>
<b>6.1 Desenvolvimento da observação de campo nos lugares de uso de crack ..</b>	<b>48</b>
6.1.1 Distribuição espacial dos lugares de uso .....	48
6.1.2 Acesso aos espaços de uso.....	49
6.1.3 Freqüência de usuários por turno e tempo de permanência em campo .....	52
6.1.4 Desfecho da vista a campo .....	53
<b>6.2 Espaços de uso de crack.....</b>	<b>53</b>

6.2.1 Cenário.....	54
6.2.2 Atividades psicotrópicas.....	55
<b>6.3 Lugares de uso de crack .....</b>	<b>56</b>
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>58</b>
REFERÊNCIAS.....	60
<b>APENDICE A – Planilha de consolidação dos dados.....</b>	<b>62</b>
<b>APENDICE B – Dicionário de Variáveis .....</b>	<b>65</b>
<b>APENDICE C – Tabela Tempo de permanência .....</b>	<b>67</b>
<b>ANEXO A – Parecer da comissão de ética .....</b>	<b>68</b>
<b>ANEXO B – Caderno Campo .....</b>	<b>69</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Esse trabalho é uma primeira tentativa de se aproximar da realidade dos lugares nos quais os usuários de *crack* consomem a droga na Cidade do Recife. Para isso, foram utilizados dados coletados para a Pesquisa Nacional sobre o “Perfil dos Usuários de *Crack* nas 26 capitais, Distrito Federal e 9 Regiões Metropolitanas”, financiada pela SENAD e desenvolvida pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). Além de traçar o perfil dos usuários, a pesquisa possibilitou conhecer lugares utilizados para o uso de *crack* no Brasil.

Enquanto residente do Programa Multiprofissional de Saúde Coletiva da Fiocruz Pernambuco, tive a oportunidade de vivenciar a pesquisa de campo na Região Metropolitana de Recife (RMR), realizando procedimentos de coleta de dados junto aos usuários de *crack* nas chamadas “cenas de uso de *crack*”.

No primeiro momento fizemos um levantamento de possíveis “cenas” no Recife, junto a informantes-chaves de setores públicos e da sociedade civil organizada, que têm um conhecimento privilegiado da Cidade devido a sua atuação no território e junto às comunidades. O resultado foi uma lista extensa de lugares onde a equipe de pesquisa poderia encontrar pessoas fazendo uso de *crack*, contendo informações sobre dias e horários mais frequentados pelos usuários.

Após o levantamento das cenas, foram realizadas visitas àquelas sorteadas para compor a amostra do estudo, nas quais era feita a observação de campo, com posterior registro de dados em um instrumento denominado de “caderno de campo” (anexo B). A partir da experiência de observação das cenas e elaboração dos cadernos de campo, surgiu o interesse em realizar uma sistematização deste conhecimento, fundamental para se pensar em estratégias de abordagem voltadas para a promoção e proteção da saúde desta população.

Entendemos que além de saber quem são esses usuários, é necessário desenvolver estudos que busquem conhecer em que espaços eles fazem o uso de drogas,

aproximando-se da realidade destes sujeitos toxicodependentes, vulneráveis e marginalizados.

Foi realizada revisão literária sobre o fenômeno das drogas e suas implicações na saúde pública, buscando uma aproximação com a problemática atual do *crack*. Buscamos autores que houvessem realizado trabalhos que descrevessem lugares de uso de drogas e nos deparamos com uma escassez de literatura no Brasil sobre este tema.

Como arcabouço teórico – para o entendimento, sistematização e análise dos dados – tomamos o conceito de “territórios psicotrópicos” desenvolvido por Fernandes (1997, 2004), da Universidade do Porto (Portugal), que vem se dedicando ao estudo do espaço relacionados ao uso de drogas, assim como os conceitos da geografia crítica de Santos (2006) e de outros autores que compartilham o entendimento do espaço como um dos atores dos processos sociais.

No **primeiro capítulo** são desenvolvidas questões relacionadas ao uso de drogas, ao conceito de espaço e lugar. Concluindo com algumas considerações a respeito dos territórios psicotrópicos.

Em seguida são apresentadas a **justificativa**, a **pergunta condutora** e os **objetivos** do estudo. Os procedimentos metodológicos adotados são descritos no **quarto capítulo** e no **quinto** são apresentados os resultados do estudo, a partir da análise dos cadernos de campo.

No **sexto capítulo** é feita a discussão da análise do material empírico, no que diz respeito à compreensão do perfil dos lugares de uso de *crack* no Recife, abordando suas características quanto a Região Político-Administrativa (RPA), bairro, turno da visita, facilidades e dificuldades para a observação de campo, permanência no campo, cenário do entorno do lugar de uso, equipamentos sociais, condições de limpeza, movimentação de pessoas, policiamento, atividades psicotrópicas, uso de outras drogas observados, desfecho da observação e recrutamento de usuários, contatos para acessar o lugar de uso, tipo, acesso, número de usuários.



Por fim, no **sétimo capítulo**, são tecidas considerações finais acerca da caracterização dos lugares de uso de *crack* no Recife e feitas observações quanto à relevância deste conhecimento para o cuidado a saúde das pessoas que fazem uso desta substância.

### **1.1 O uso de drogas como problema de saúde pública**

Nesse tópico será abordado brevemente os temas: drogas e sociedade, drogas e saúde pública e a problemática do crack.

#### 1.1.1 Drogas e sociedade

O uso de drogas é uma prática milenar e universal. Ao percorrer a história da civilização, não existe o registro de sociedades sem uso de drogas, estando sua presença em diferentes contextos, tais como religioso, místico, social, econômico, medicinal, cultural, psicológico, climatológico, militar e de busca do prazer (TOTUGUI, 1988 apud SILVA, 2012).

Na América do Sul, o uso de plantas com efeitos psicotrópicos esteve marcado na cultura local, como nas grandes civilizações pré-colombianas dos Andes há mais de 4.500 anos. A coca era tida como uma planta sagrada, sendo utilizada pelos índios em rituais religiosos, bem como por seus efeitos medicinais e para adquirir vigor e energia. (MOURÃO, 2013).

No final do Século XIX, a cocaína foi utilizada sem leis que limitassem ou impedissem sua venda ou o consumo, tornando-se presente em farmácias, mercearias e bares. Só em 1906, os EUA (*Pure Food and Drug Act*) determinou as primeiras restrições à importação das folhas de coca. Posteriormente, seu uso tornou-se punível legalmente e a sua criminalização cresceu cercada de aspectos médicos, culturais, políticos e econômicos (ALMEIDA, 2003).

Quanto aos problemas advindos com a ilegalidade de algumas drogas, Forte (2007) faz uma análise crítica afirmando que quando determinada droga passa ser ilegal, o seu potencial destrutivo não está mais ligado a sua toxicologia ou seu potencial destruidor da razão livre, mas sim no fato de ser ilegal. Sendo ilegal a droga passa a

figurar numa rede de ilegalidade e violência. Então um usuário que rouba, lesiona ou até mata um familiar para garantir recursos para o uso de sua substância de preferência, o faz porque depende de uma única e poderosa rede de distribuição – a do tráfico. Nossa sociedade elege a droga como responsável por toda a tragédia familiar, não encara o problema, foge e esquece o contexto ao qual o usuário depende.

Historicamente, o tema das drogas tem sido significado e abordado fundamentalmente por dois campos: o da saúde e o da segurança pública. Estando envolvida com vários aspectos da sociedade, a interpretação do problema depende diretamente da perspectiva hegemônica vigente.

Na metade do século passado, com a Convenção Única de 1961 da Organização das Nações Unidas (ONU), iniciou-se a orientação internacional de “Guerra às Drogas”, colocando o enfrentamento das drogas essencialmente no âmbito da segurança pública. O resultado que vimos assistindo desta onerosa política é o fracasso no combate a este complexo problema, que passa pela discussão sobre a legitimidade social do uso, quer seja recreativo ou medicinal (FORTE, 2007).

Atualmente, no Brasil, o uso e abuso de drogas, num contexto proibicionista e criminalizante, é um dos fenômenos sociais mais inquietantes em função das diversas e preocupantes dimensões que apresenta. O consumo nocivo de drogas traz sérios problemas para o indivíduo, sua família e para a sociedade, principalmente em áreas como a saúde e a segurança pública, tornando-se um grave problema para o estabelecimento da paz social (ALMEIDA, 2003).

### 1.1.2 Drogas e saúde pública

O consumo de drogas acompanha o crescimento da sociedade contemporânea e, à medida que esse consumo aumenta e ganha outra funcionalidade na sociedade moderna, inevitavelmente prejuízos causados pelo uso alcançam maior transcendência.

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), cerca de 10% das populações dos centros urbanos de todo o mundo consomem abusivamente

substâncias psicoativas, independentemente de idade, sexo, nível de instrução e poder aquisitivo, tornando o enfrentamento desta problemática uma demanda mundial (BRASIL, 2004).

Em 2004, a Política do Ministério da Saúde para Atenção Integral de Usuários de Álcool e Outras Drogas já aponta que o uso de drogas tomou proporção de grave problema de saúde pública no País, que afeta diversos segmentos da sociedade “*pela relação comprovada entre o consumo e agravos sociais que dele decorrem ou que o reforçam*” (BRASIL, 2004, p. 5).

Levantamentos domiciliares sobre uso de drogas psicotrópicas no Brasil, realizados em 2001 e em 2005, apresentam dados importantes para o conhecimento da dimensão do uso destas substâncias. Os estudos mostram que cerca de 23% da população pesquisada já fez uso de drogas na vida, exceto tabaco e álcool, correspondendo a uma população de quase 11 milhões de pessoas. Em pesquisa semelhante realizada nos EUA em 2004, essa porcentagem atinge 45,4% e no Chile 17,1% (BRASIL, 2006).

As prevalências do uso de cocaína, *crack* e merla foram, respectivamente, 2,9%, 0,7%, 0,2%, tendo sido observado uma tendência de aumento entre os dois levantamentos (BRASIL, 2006). Recente pesquisa nacional realizada em 2012, aponta que aproximadamente 2 milhões de brasileiros já usaram cocaína fumada (*crack*, merla ou oxi) pelo menos uma vez na vida, correspondendo a 1,4% dos adultos e 1% dos jovens. Quase metade destes (45%) experimentaram cocaína pela primeira vez antes dos 18 anos (INSTITUTO NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA PARA POLÍTICAS PÚBLICA DO ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS, 2012).

Quanto ao consumo especificamente de cocaína na forma de *crack*, um em cada cem adultos já consumiu esta droga no último ano, representando 1 milhão de pessoas. O estudo aponta ainda que o Brasil representa 20% do consumo de *crack* mundial, sendo, em números absolutos, o maior consumidor dessa droga no mundo (INSTITUTO NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA PARA POLÍTICAS PÚBLICA DO ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS, 2012).

Em relação a problemas decorrentes do uso abusivo de drogas, um terço da população masculina (de 12 a 17 anos) que referiu usar alguma droga declarou já ter sido submetida a tratamento para dependência (BRASIL, 2006). Semelhantemente, o estudo do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Políticas Pública do Álcool e Outras Drogas (2012) revela que mais de 20% dos brasileiros conhecem alguém que tem problemas pelo uso de cocaína.

O consumo nocivo de drogas pode contribuir para o crescimento dos gastos com tratamento médico e internação hospitalar, e elevar os índices de acidente de trânsito, de violência urbana, de mortes prematuras e de absenteísmo no trabalho (RABELO, 2007). Ainda podemos relacioná-lo como fator contribuinte para eventos de doenças crônico-degenerativas, de neoplasias e de doenças infecciosas. Não podemos deixar de mencionar sua estreita relação com o sofrimento psíquico e a presença de doenças mentais em cerca de 40% dos dependentes químicos (CARLINI-COTRIM; GAZAL-CARVALHO; GOUVEIA, 2000).

### 1.1.3 A problemática do *Crack*

Apesar do *crack* não figurar entre as drogas ilícitas mais consumidas no Brasil, é considerada com um problema de saúde pública, assim como em outros países, como os EUA e o Canadá. Seu uso no Brasil surgiu no final de 1980, num momento em que a atenção do país estava voltada para a epidemia de HIV/aids. Hoje, seu uso é generalizado na população brasileira e uma das grandes preocupações para o governo, justificada por seu impacto físico, mental e social no usuário, nos familiares e na comunidade. (NAPPO; SANCHEZ; RIBEIRO, 2012).

A rápida, intensa e curta duração de seu efeito e, conseqüentemente, a abstinência e necessidade de novo uso – a chamada fissura, associadas a falta de condições financeiras para suprir esta demanda, colocam o usuário em situação de fragilidade, na qual se submete a estratégias de risco para obtenção da droga, como o envolvimento com o tráfico, a troca de sexo, sem proteção, por dinheiro ou drogas e a prática de delitos como roubos e assaltos (CHAVES et al; 2011).

Danos associados com o uso desta droga, especialmente a ruptura dos laços sociais, o envolvimento em atividades ilícitas, aumentando as taxas de homicídio, e a prática de sexo de risco, resultando na infecção pelo HIV e outras doenças sexualmente transmissíveis, têm sido objeto de publicações no Brasil, especialmente nos últimos dois anos; assim como matéria cada vez mais retratada pelos meios de comunicação, por políticos e nas políticas públicas, veiculada como uma "epidemia" da sociedade brasileira (NAPPO, SANCHEZ; RIBEIRO, 2012).

Neste contexto, o *crack* representa ao mesmo tempo um novo e antigo desafio. Antigo, pois seu uso já vem sendo feito no Brasil há cerca de vinte anos, por populações mais restritas, e novo pelas suas atuais proporções, tanto em termos de extensão geográfica como populacionais, aparecendo como um problema de grande magnitude e apelo social, foco de programas públicos nas 3 esferas de governo – federal, estaduais e municipais.

Desafio este que envolve programas de atenção à saúde e de assistência social e direitos humanos, questões de segurança pública e de planejamento urbano, que requerem estudos e políticas voltadas para seu enfrentamento em diferentes contextos, que considerem seus diversos significados e formas de uso, capazes de orientar ações mais efetivas do que a simples repressão (RAUPP; ADORNO, 2011).

## **1.2 Espaço e o uso de drogas**

Procurou-se apreender os lugares de uso de *crack* como uma dimensão que precisa ser considerada no entendimento da situação de vulnerabilidade relacionada ao uso da droga, e não apenas como “um cenário de fundo”, apoiando-se no arcabouço teórico da geografia crítica, que toma a categoria espaço como um dos atores envolvido nos processos sociais.

Tendo em vista a proposta de análise de espaços utilizados para o consumo de drogas, serão apresentados os conceitos que nortearam o olhar sobre os dados trabalhados no estudo.

Inicialmente é feita a distinção entre os conceitos de Espaço, Lugar e Território, sendo mais adiante realizada uma aproximação com o conceito de territórios psicotrópicos, utilizado por Fernandes (1997, 2014)

### 1.2.1 Espaço

Santos (2006) chama atenção em seu livro “A natureza do Espaço”, sobre a necessidade da Geografia redefinir o seu objeto de estudo e avançar em relação ao entendimento tradicional do Espaço, compreendido apenas como estruturas e formas físicas, uma abordagem reducionista de sua dimensão, de base apenas fiscalista.

Santos (2006) propõe uma resignificação do conceito e insere outra perspectiva de análise. Trata o Espaço como um híbrido, composto de sistemas de objetos e sistemas de ações, o que anteriormente denominava de fixos e fluxos; e insere em seu conceito os adjetivos “social”, “político”, “econômico” e “histórico”, além da variável Tempo.

Os objetos são entendidos como “[...] aquilo que o homem utiliza em sua vida cotidiana, ultrapassa o quadro doméstico e, aparecendo como utensílio, também constitui um símbolo, um signo” (SANTOS, 2006, p. 54). São pontes, portos, aeroportos, montanhas, automóveis etc.(SANTOS, 2006).

O autor justifica a relevância dos objetos na interpretação do Espaço afirmando que “a partir do reconhecimento dos objetos [...] no Espaço, somos alertados para as relações que existem entre os lugares.” (SANTOS, 2006, p. 54).

As ações são compreendidas como necessidades naturais ou criadas, materiais, imateriais, econômicas, sociais, culturais, morais, afetivas; que conduzem os homens a agir e levam a funções que vão desembocar nos objetos e formas geográficas. Os sistemas de objetos e ações referem-se à interdependência de seus componentes, que formam uma rede entrelaçada (SANTOS, 2006, p. 67).

Outra consideração importante é a que o conteúdo social (sistemas de ações) e as formas espaciais (sistemas de objetos) não podem ser entendidos separadamente, eles são indissociáveis. Um dado evento social é resultado da relação dialética entre Sujeito e Objeto, e o Espaço seria a síntese dessa relação ou de suas formas-conteúdo.

*A cada evento, a forma se recria [...] Por outro lado, desde o momento em que o evento se dá, a forma, o objeto que o acolhe, ganha uma outra significação, provinda desse encontro. Em termos de significação e de realidade, um não pode ser entendido sem o outro, e, de fato, um não existe sem o outro. Não há como vê-los separadamente. A idéia de forma-conteúdo une o processo e o resultado, a função e a forma, o passado e o futuro, o objeto e o sujeito, o natural e o social. Essa idéia também supõe o tratamento analítico do Espaço como um conjunto inseparável de sistemas de objetos e sistemas de ações (SANTOS, 2006, p. 83).*

O Espaço é uma abstração. É ao mesmo tempo palco (receptáculo de ações) e ator (sujeito de intencionalidades), são as formas mais a vida que as anima. Nesse sentido pode ser entendido também como uma complexa composição de formas, sentidos, atividades e contextos (SANTOS, 2006).

Santos (2006, p. 88) resume a noção de Espaço, afirmando que “o Espaço é a síntese, sempre provisória, entre o conteúdo social e as formas espaciais”.

Essa síntese provisória não é algo simples de concretizar e para facilitar sua análise é necessário colocar em evidência determinados componentes, que poderiam ser chamados de categorias de análise, como Lugar, Paisagem e Território. Seus conceitos são abstrações do próprio conceito de Espaço (CABRAL, 2007).

Para a compreensão dos lugares de uso de *crack*, utilizaremos dessa organização analítica, em especial os conceitos de Lugar e Território. Entretanto, cabe lembrar que a divisão do Espaço em categorias de análise é apenas uma estratégia para dar melhor lucidez à interpretação dos dados. É impossível a separação sem que se perca elementos importantes. Quando o Espaço é colocado, por exemplo, na perspectiva do poder, fala-se mais de território do que de Paisagem, porém os dois elementos estão indissocialmente presentes (SANTOS, 2006).

### 1.2.2 Lugar

Não existe uma faixa territorial mínima para designar o Lugar. Ele pode ser uma cidade, um bairro, uma rua, uma casa, ou mesmo seus cômodos. O importante desse conceito é que ele preserva a noção de Espaço formado pelos sistemas de objetos e ações, localizado num determinado ponto temporal e espacial. Enquanto o Espaço guarda características do todo, o Lugar guarda características particulares das diferentes partes (SANTOS, 2006).

O Lugar conserva ao longo do tempo determinadas organizações espaciais dos objetos (estruturas e formas) e ações (funcionalidades) humanas, que define, por exemplo, que Brasil é Brasil e não outro país. Aqui as noções de identidade, particularidade e pertencimento ganham um valor especial (SANTOS, 2006).

*Assim, os lugares reproduzem o País e o Mundo segundo uma ordem. É essa ordem unitária que cria a diversidade, pois determina ações do todo que se dão de forma diferente, quantitativa e qualitativamente, para cada lugar (SANTOS, 2006. p. 100)*

Grande parte das relações que estabelecemos com os objetos e com as pessoas se dá dentro de determinados nichos espaciais. As relações mais íntimas se dão normalmente na nossa casa ou na nossa rua, e em menor proporção nossas relações mais estreitas poderão estar fora de nossa cidade. Esse nicho é o Lugar ao qual pertencemos, onde nos localizamos e nos efetivamos como sujeitos. É neste nicho que nossas intencionalidades ganham maior destaque, porque é nele que são reconhecidas pelos pares (SANTOS, 2006).

O Espaço é então visto como o movimento dos Lugares,

*A cada momento, cada lugar recebe determinados vetores e deixa de acolher muitos outros. É assim que se forma e mantém a sua individualidade. O movimento do Espaço é resultante deste movimento dos lugares. Visto pela ótica do Espaço como um todo, esse movimento dos lugares é discreto, heterogêneo e conjunto, "desigual e combinado". Não é um movimento unidirecional (SANTOS, 2006, 107)*



O que reforça a importância de atribuir uma diferenciação entre Espaço e Lugar é a idéia de que no Espaço ocorre uma distribuição desigual dos recursos, “*coisas, naturais ou artificiais, relações compulsórias ou espontâneas, idéias, sentimentos, valores*”, a partir dos quais os homens vão mudando a si mesmos e ao seu entorno e fixando os lugares (SANTOS, 2006, p. 106).

### 1.2.3 Território

Falar de Território é falar de determinada área ou lugar onde ocorreu apropriação, enraizamento e privacidade de um ou vários sujeitos. Está ligado ao poder, à dominação e à conquista (SANTOS, 2006).

O Território é um Espaço, preexistente à sua apropriação concreta ou abstrata, definido e delimitado por e a partir de relações de poder, podendo ser contíguo ou fragmentado, variando de um quarteirão dominado por uma quadrilha de traficantes a um país apropriado por uma nação (CABRAL, 2007).

De acordo com Bezerra (2008), o Território deve ser apreendido enquanto resultante de uma relação desigual de forças, que envolve domínio político-econômico do Espaço, bem como sua apropriação simbólica.

Compreendendo que as categorias de análise do Espaço vão além dos conceitos brevemente expostos, elegemos para o presente estudo duas unidades de análise: os Lugares e os Espaços de uso de *crack*. O primeiro sendo considerado como os pontos exatos onde ocorrem o uso e o segundo, além destes pontos, seu entorno e as atividades psicotrópicas que nele ocorrem.

## 1.3 Um olhar sobre os territórios psicotrópicos

Para a análise do que convencionamos chamar de Espaço de uso de *crack*, necessitamos ainda esclarecer o que são atividades e territórios psicotrópicos. Para isso, iremos tomar como referência a produção feita por Fernandes (1997, 2004) em

estudos etnográficos sobre lugares de uso de heroína e cocaína na Cidade de Porto, em Portugal.

Segundo o autor, territórios psicotrópicos são lugares informais de socialização, áreas não muito bem delimitadas, onde ocorrem às ações e interações ligadas ao uso e venda de drogas. Espaços nos quais a vida e os contatos se exprimem de maneira mais ou menos clandestinas. Trata-se de um território acossado, que está sob mira do controle do Estado e é identificado através de uma espécie de etiquetagem social – espaços famosos pelas atividades criminais que ocorrem com frequência e conhecidos da mídia e sociedade (FERNANDES, 1997).

As atividades psicotrópicas, que ocorrem nestes territórios, são entendidas como ações relacionadas ao consumo ou venda de drogas e à atuação dos sujeitos em busca de recursos para sua aquisição (FERNANDES, 1997).

A característica destes lugares é ser apropriado para a realização de atividades relacionadas ao consumo de drogas, uma territorialização do espaço enquanto pontos de venda, pontos de consumo e zonas de aquisição de recursos (FERNANDES, 2004, p.149).

Habitualmente são lugares da cidade apontados como marginais, que acabam por serem apropriados em função de determinadas características, que variam de acordo com a atividade fim (FERNANDES, 1997). Contudo, a delimitação territorial entre as zonas de aquisição de recursos, venda e consumo normalmente não são bem definidas, muitas vezes ocorrendo as três atividades simultaneamente na mesma área (FERNANDES, 2004).

Por estarem cotidianamente lidando com o ilegal, os territórios psicotrópicos estão na mira do controle social, quer seja pela ação da polícia, da mídia ou da própria comunidade; e com uma representação social que reforça o estigma entorno da questão das drogas (FERNANDES, 2004).

Desta forma, os sujeitos destes territórios são obrigados a estabelecerem estratégias de “proteção” para as suas práticas psicotrópicas, como, por exemplo, a

reclusão de usuários em lugares escondidos, para que não sejam identificados, protegendo-se do estigma e da violência; no caso de territórios de tráfico, a utilização de “olheiros” que avisam quando um comboio policial se aproxima; e o uso ostensivo de armas contra outros grupos de traficantes (FERNANDES, 2004).

Estes territórios nunca permanecem intactos, e com o passar do tempo adquirem novas funcionalidades e se adaptam às novas necessidades que surgem.

### 1.3.1 Pontos de venda

Habitualmente, os pontos de venda estão localizados nas zonas mais pobres da cidade, que constituem sua periferia social, e onde o controle do Estado, de algum modo, perdeu força. Suas estratégias e organização dependem do volume de negócios diários e muitas vezes os atores envolvidos são tóxicodependentes e outros, vendo nessa atividade uma alternativa econômica tentadora, a executam de maneira pouco estruturada (FERNANDES, 2004).

Um ponto de venda com uma organização mais acurada pode contar com uma rede de pessoas que cumprem funções bem definidas e hierarquizada como: os “aviãozinhos” (que atraem clientes buscando desviá-los da concorrência), os “olheiros” (que fazem soar o “alarme” em caso de suspeita de presença da polícia), os “preparadores” (muitas vezes crianças que fazem o empacotamento do produto) e os transportadores (que recolhem as substâncias dos abastecedores).

O estabelecimento do ponto de venda, implica, também, numa eleição do lugar com base em critérios específicos. Por exemplo, o lugar é eleito de acordo com o seu nível de inacessibilidade em relação à ação policial, a possibilidade de contratação de serviços e armazenamento do produto, de tal forma que o vendedor não tenha grandes quantidades no caso de uma ação surpresa por parte da polícia (FERNANDES, 2004).

### 1.3.2 Pontos de consumo

Os pontos de consumo são lugares normalmente marginais, escondidos e protegidos. Segundo Fernandes (2004), são lugares que permitem se desvencilhar do “mundo lá fora” e “viajar”, sem interrupções ou julgamentos morais.

Estes espaços muitas vezes são privados por alguém (ou grupo) que passa a ser seu dono, que pela força se impõe como proprietário, instituindo as regras de convivência e usufruindo das retribuições pela sua utilização (FERNANDES, 2004).

### 1.3.3 Pontos de aquisição de recursos

Os pontos de aquisição de recursos se traduzem nos lugares onde os usuários utilizam para adquirir o financiamento do uso da droga. Fernandes (2004) identifica duas atividades mais comuns na cidade do Porto: o trabalho sexual, no caso das mulheres, e o que chama de guarda carros, e que poderíamos referir como “flanelinhas”, no caso dos homens.

O trabalho sexual de usuárias de drogas ocorre geralmente em lugares mais afastados, tanto de áreas residenciais como comerciais, e que por conta da ressaca causada pela abstinência, as mesmas terminam por terem práticas sexuais de maior risco. A urgência em usar a droga se traduz na necessidade de garantir dinheiro com mais brevidade, não importando as condições, “Allí se vive el presente. El pasado y el futuro sólo tendrán lugar en el después” (FERNANDES, 2004, p. 153).

Quanto aos “flanelinhas”, ao contrário das mulheres que vendem sexo, se concentram no centro da cidade. “Privatizam” vagas de estacionamento e paquímetros, com a prática de pedir o dinheiro, para que se os fiscais aparecerem, eles colocarem na máquina (FERNANDES, 2004).

*Los aparcacoches no hacen más que privatizar un espacio que antes era público exigiendo, de forma más o menos evidente, más o menos educada, una retribución monetaria por la ocupación de aquel espacio ahora rentabilizado (FERNANDES, 2004, p. 154).*

Essas vagas (na cidade do Porto) são apropriadas e privatizadas pelos usuários, e chegam a rentabilizar 75 euros/dia. É comum a associação de dois ou três usuários para manter a posse de determinado lugar, nunca deixando-o “desprotegido” e a mercê de uma nova ocupação (FERNANDES, 2004).

A instalação de um mercado de drogas psicotrópicas em bairros periféricos cria relações de dependência complexas entre os vários atores envolvidos nele. Parte da comunidade local se adapta a esta realidade e aprende a receber os benefícios, tanto dos traficantes, como dos usuários, estabelecendo relações de colaboração ou exploração. Não devemos esquecer que nesta intrincada teia, o jogo político também obtém dividendos quando, por exemplo, querem impressionar os eleitores fazendo visitas de campanha ou volumosos efeitos de fugazes operações policiais (FERNANDES, 2004).

Poderíamos sintetizar afirmando que esses territórios são espaços apropriados pelas atividades psicotrópicas; marginalizados e normalmente periféricos; sob a mira do controle da polícia, da mídia e da sociedade; sem delimitações territoriais bem definidas para suas diferentes práticas; dinâmicos, pois adquirem novas funcionalidades e se adaptam as novas necessidades; e com esquemas de defesa territorial – seja buscando reclusão para a prática do uso, seja defendendo o território da polícia e de outros que ameacem a sua apropriação.

## 2 JUSTIFICATIVA /PERGUNTA CONDUTORA

A partir do entendimento dos lugares e espaços utilizados para o consumo de *crack* na Cidade do Recife, o presente estudo pretende colaborar para uma melhor compreensão acerca das vulnerabilidades às quais os usuários dessa droga estão submetidos e subsidiar a elaboração de políticas públicas mais efetivas no cuidado com esta população. Além disso, o trabalho se propõe a analisar o desenvolvimento em campo realizado pelos observadores, trazendo uma contribuição sobre as nuances procedimentais da pesquisa que originou os dados aqui analisados.

Para tanto, pretende-se responder a seguinte pergunta: Quais as características dos lugares de uso de *crack* na cidade do Recife?

### **3 OBJETIVOS**

#### **3.1 Objetivo Geral**

Caracterizar o perfil dos lugares de uso de *crack* na cidade do Recife.

#### **3.2 Objetivos específicos**

- a) Descrever o perfil dos lugares de uso de *crack* na Cidade do Recife, caracterizando o tipo de lugar e de atividades psicotrópicas, condições de limpeza, movimentação de pessoas, policiamento e frequência de usuários;
- b) Descrever aspectos relacionados ao desenvolvimento da observação de campo nos lugares de uso de *crack*.

## 4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

### 4.1 Desenho do estudo

Trata-se de um estudo exploratório descritivo sobre os lugares de uso de *crack* na cidade do Recife, que utiliza as estratégias de observação de campo e análise de conteúdo.

Os dados analisados são integrantes da Pesquisa Nacional sobre o “Perfil dos usuários de *crack* nas 26 capitais, Distrito Federal e 9 Regiões Metropolitanas”, desenvolvida pela Fundação Oswaldo Cruz e financiada pela Secretária Nacional de Políticas sobre Drogas (SENAD).

A Pesquisa empregou o método de amostragem *Time Location Sampling* (TLS), desenvolvido para estudos probabilísticos com populações denominadas de “difícil acesso”, como os usuários de drogas. Estas populações não possuem uma fonte de cadastro para o conhecimento de seu tamanho e características e, por conta do estigma e possibilidade de punição legal, tendem a esconder seu comportamento (MAGNANI et al., 2005).

Considera-se *a priori* que os usuários de drogas tendem a frequentar locais específicos. Para tanto, foi realizado um amplo levantamento de possíveis locais de uso de *crack* no Recife, no período de fevereiro a abril de 2011, com dias, horários e quantitativo de pessoas. A partir desta lista de unidades primárias de seleção “local-dia-hora” (*venue-day-time* – VDT), chamadas neste estudo de cenas de uso de *crack*, é selecionada aleatoriamente uma amostra, como base para seleção aleatória de membros da população de interesse (RAYMOND, 2010).

O mapeamento destes locais se deu a partir dos informantes-chaves de setores públicos de diversas áreas (Saúde, Assistência Social, Juventude/Esporte, Segurança, entre outros) e da sociedade civil organizada, que tinham conhecimento privilegiado da Cidade devido a sua atuação no território e junto às comunidades. O



resultado foi uma lista extensa de mais de 500 locais onde a equipe de pesquisa poderia encontrar pessoas fazendo uso de *crack*.

No período de novembro de 2011 a março de 2012, os locais amostrados foram visitados para a realização do inquérito epidemiológico sobre o perfil dos usuários de *crack*, com a finalidade de recrutar (convidar) os usuários para participarem da Pesquisa. Antes dos procedimentos para o recrutamento dos usuários, era realizada observação dos locais, com posterior registro das informações em um caderno de campo.

#### **4. 2 Fonte de dados**

Foram utilizados como fonte de dados 197 cadernos de campo contendo o registro das visitas realizadas aos lugares de uso de *crack*.

*Cadernos de Campo* – trata-se de um roteiro para registro das observações de campo (anexo B). Cada caderno corresponde ao registro de um observador, que faziam visitas a campo em dupla. Os 197 cadernos analisados correspondem a 107 visitas a 95 lugares, realizadas em dias e turnos específicos.

Nos cadernos foram descritos: (a) características do entorno do lugar de uso de *crack* (espaço físico e geográfico; movimentação de pessoas; comércio; policiamento; condições de limpeza); (b) características do lugar de uso de *crack* (pessoas usuárias de “*crack* e similares” e/ou de outras drogas; crianças e grávidas usuárias, drogas e aparatos visivelmente utilizados; compartilhamento de aparatos; venda de drogas, etc; (c) quantidade e características dos usuários; (d) contatos realizados para o desenvolvimento do campo; (e) informações sobre o acesso dos pesquisadores ao lugar de uso de *crack*; (f) facilidades e dificuldades para o desenvolvimento da pesquisa no local.

A participação enquanto estagiário da Residência de Saúde Coletiva/Fiocruz em todas as etapas da pesquisa também possibilitou o registro e a utilização de diário de campo como fonte de dados para esse trabalho. Foram anotados aspectos sobre os lugares visitados, a partir das discussões feitas em reuniões de supervisão da

equipe de pesquisa, realizadas semanalmente para ajuste dos procedimentos de coleta de dados. Neste diário também foram feitos registros a cerca da participação como entrevistador e observador de campo.

Para complementar as informações dos cadernos de campo, foi também utilizada a planilha de controle de cenas, na qual a supervisão da pesquisa codificou os desfechos das observações de campo.

Neste estudo não foram utilizados os instrumentos empregados para o inquérito epidemiológico – questionários sociocomportamentais e planilhas de resultados de testagens sorológicas.

### **4.3 Análise dos dados**

A análise teve como objetivo traçar o perfil dos lugares de uso do *crack*, bem como descrever aspectos relacionados ao desenvolvimento do campo de pesquisa. Elegemos duas unidades de observação que foram definidas a partir das categorias Espaço e Lugar, utilizadas na geografia social (SANTOS, 1997). O lugar de uso de crack corresponde ao ponto ou área exata onde ocorre o uso por um ou mais sujeitos. O espaço refere-se ao entorno do lugar de uso.

Para sistematização dos dados dos cadernos e do diário de campo, procedeu-se a análise temática de seu conteúdo. Inicialmente foi feita a leitura de todo o material e em seguida seus conteúdos foram organizados e apresentados de acordo com as variáveis abaixo descritas, definidas a partir do roteiro de observação; e consolidadas em uma planilha do *software Microsoft Excel 2009* (apêndices A e B).

#### **4.3.1 Variáveis**

Desenvolvimento da observação de campo nos lugares de uso de *crack*:

- a) Região Político-Administrativa (RPA)
- b) número de bairros visitados;
- c) número de visitas;

- d) turno de realização das visitas;
- e) desfecho da observação;
- f) contatos realizados;
- g) facilidades e dificuldades para o desenvolvimento do campo;
- h) permanência no campo;

Características dos espaços de uso de *crack*:

- a) cenário do entorno;
- b) movimentação de pessoas;
- c) policiamento;
- d) atividades psicotrópica

Características dos lugares de uso de *crack*:

- a) tipo de lugar;
- b) condições de limpeza;
- c) acesso;
- d) número de usuários.

Foram incluídos na análise apenas os lugares que ficaram caracterizados como de uso de *crack*. Quando não havia informação suficiente nos cadernos de campo sobre o lugar visitado, uma ou mais variáveis ficaram sem preenchimento na planilha de consolidação. Nos lugares que tiveram mais de uma visita, ou seja, que foram sorteados em mais de um dia e/ou horário, a variável turno não pode ser definida.

Para a estatística descritiva, foi utilizando o *software* SPSS 13.0 *for Windows*, estabelecendo as frequências e médias das variáveis.

## 5 RESULTADOS

O mapeamento dos possíveis lugares de uso de *crack* no Recife foi realizado no período de fevereiro a abril de 2011 e a observação dos lugares sorteados entre novembro de 2011 e março de 2012.

Do total de lugares mapeados foram sorteados 101, dos quais 95 foram visitados como possíveis lugares de uso de *crack*, sendo constatado o uso da droga em 63% (60/95). Nos demais 35 (37%) onde houve a ida a campo, em 12 (34%) foi constatado que nunca foi lugar de uso de *crack*; em 10 (29%) exclusivamente o uso de outras drogas; em 8 (23%) apenas atividades de tráfico; em 3 (8%) somente atividades de aquisição de recursos para obtenção da droga; e em 2 (6%), por motivo de segurança da equipe, não foi possível permanecer no local para conferir o uso de *crack*.

Os resultados que seguem referem-se aos 60 lugares com uso de *crack* constatado durante a observação, com exceção daqueles relativos à frequência de usuários e tempo de permanência da equipe em campo, que só contabilizaram os lugares onde havia presença de usuários ou registro do tempo total de permanência (observação do local e recrutamento de usuários).

Inicialmente são apresentados os dados relativos ao desenvolvimento da observação de campo. Posteriormente são descritos os perfis dos espaços e dos lugares de uso de *crack*.

### 5.1 Desenvolvimento da observação de campo nos lugares de uso de crack

Observa-se na tabela 1 a predominância de lugares sorteados e com uso de *crack* confirmado nas RPAs 1 e 6 (33/60: 55%). Na RPA 3 tivemos lugares listados no mapeamento, sorteados para visitas (5/101: 5%) (dados não tabulados), porém nenhum visitado.

**Tabela 1** – Distribuição dos lugares de uso de *crack* segundo a Região Político Administrativa (RPA). Recife, 2011/2012

RPA	n	%
RPA 1	18	30,0
RPA 2	8	13,3
RPA 3	-	-
RPA 4	9	15,0
RPA 5	10	16,7
RPA 6	15	25,0
Total	60	100,0

Fonte: O autor

Os 60 lugares sorteados e com uso de *crack* confirmado estavam localizados em 34 bairros, que corresponde a 36% dos bairros do Recife, distribuídos conforme a tabela 2. Na maioria dos bairros (30/34: 88%) houve a confirmação de um ou dois lugares de uso. Contudo, observa-se uma concentração de 23,3% (14/60) dos lugares em dois bairros, oito (13,3%) no bairro de Santo Amato, na RPA 1 e seis (10%) no bairro do Pina, na RPA 6 (dados não tabulados).

**Tabela 2-** Distribuição dos bairros segundo o número de lugares de uso. Recife, 2011/2012

Número de lugares de uso por bairro	n	%
1	21	61,8
2	9	26,5
3	1	2,9
4	1	2,9
6	1	2,9
8	1	2,9
Total	34	100,0

Fonte: O autor

Em 57 lugares de uso (93,3%) foram realizadas uma visita de campo e em 4 lugares (6,7%) houveram de duas a cinco visitas, conforme as cenas (VDTs) sorteadas. As visitas foram realizadas pelo turno da manhã em 18 lugares (30%), da tarde em 24 (40%) e da noite em 15 (25%). Nos lugares onde houve mais de uma visita, em três a observação de campo foi feita em turnos diferentes.

O tempo total da equipe em campo para observação foi de 147 horas, com uma média de cerca de 2 horas e 30 minutos de observação por lugar. A média de permanência nos lugares de uso em cada turno foi de aproximadamente 2 horas e 30 minutos nos períodos da manhã e da noite e de 3 horas no da tarde (Apêndice C).

A tabela 3 mostra que em 83,3% dos lugares, os observadores realizaram contatos para poderem desenvolver o campo de pesquisa. Na maioria das vezes (61,7%) os contatos realizados ocorreram durante a visita de campo, com pessoas que conheciam anteriormente e que residiam ou trabalhavam próximo ao local, ou com lideranças comunitárias, moradores ou comerciantes locais que encontravam no momento da observação. Em 21,6% dos lugares os contatos foram feitos antes da visita de campo, com pessoas já conhecidas ou indicadas por parceiros, para saber de informações atualizadas sobre o uso de *crack* no local e para articular a entrada da equipe na área. Em 10 lugares não foram realizados contatos para a entrada da equipe de pesquisa.

**Tabela 3** – Distribuição dos lugares de uso de crack segundo momento de realização dos contatos para o desenvolvimento do campo. Recife, 2011/2012

Momento dos contatos	n	%
Pré campo	2	3,3
Campo	37	61,7
Pré- campo e campo	11	18,3
Sem contatos realizados	10	16,7
Total	60	100

Fonte: O autor

Na tabela 4 é apresentada a distribuição dos lugares de uso de *crack* segundo o desfecho ocorrido durante a visita de campo. Em 48,4% houve recrutamento de usuários; em 26,7% existia uso de *crack*, mas não no turno e/ou dia visitado; em 10% o uso não mais existia no lugar ou passou a ser feito em outro local; e em 10% não foi possível acessar o lugar de uso por motivo de segurança da equipe.

Os elementos mais apontados como facilitadores para o desenvolvimento do campo foi a movimentação de pessoas (18,3%), ser local público (16,7%) e conhecimento

prévio da área (15%). Foram ainda mencionados os contatos realizados para o desenvolvimento do campo (11,7%), a facilidade de acesso (11,7%) no que diz respeito à inexistência de barreiras físicas (como muros, matas, matagais, mangue, rios, canais etc ) e a boa recepção das pessoas no local (10%) (tabela 5).

**Tabela 4** – Distribuição dos lugares de uso de *crack* segundo o desfecho ocorrido durante a visita de campo. Recife, 2011, 2012.

Desfecho	n	%
Houve observação e o recrutamento foi finalizado por alcançar o número previsto de usuários a recrutar	13	21,7
Houve observação e o recrutamento foi terminado por alcançar o final do turno, mas com alguns usuários recrutados	16	26,7
Houve observação e o recrutamento foi terminado por alcançar o final do turno, sem usuários recrutados	3	5,0
A cena não existe mais e não foi transferida de local	5	8,3
A cena foi transferida para local desconhecido	1	1,7
Não existem usuários no turno selecionado, apesar da cena existir em outros turnos	16	26,7
Cena-turno inacessível permanentemente	6	10,0
Total	60	100,0

Fonte: O autor

**Tabela 5** – Elementos apontados como facilitadores para o desenvolvimento das visitas de campo aos lugares de uso de *crack*. Recife, 2011/2012

Elementos facilitadores	n	%
Local movimentado	11	18,3
Local público	10	16,7
Conhecimento prévio da área	9	15,0
Contatos realizados	7	11,7
Fácil acesso (físico)*	7	11,7
Boa recepção	6	10,0
Sem facilidades	18	30,0

\* Fácil acesso refere-se à inexistência de barreiras físicas que dificultam o acesso, tais como muros, matas, matagais, mangue, rios, canais etc.

Fonte: O autor

Em 60% dos lugares visitados não foram registradas dificuldades para o desenvolvimento do campo. Nos demais (24/60), o elemento mais apontado como dificultador foi a movimentação do tráfico (18,3%), seguido por difícil acesso (11,7%), referido aqui como barreiras físicas para entrar no local (muros, matas, matagais, mangue, rios, canais etc.) e o não conhecimento prévio da área (6,7%) (tabela 6).

**Tabela 6** – Elementos apontados como dificultadores para o desenvolvimento das visitas de campo aos lugares de uso de *crack*. Recife, 2011/2012

<b>Elementos dificultadores</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Difícil acesso (físico)*	7	11,7
Horário da Visita	1	1,7
Má recepção	1	1,7
Desconhecimento da Área	4	6,7
Movimentação do Tráfico	11	18,3
Batidas Policiais	2	3,3
Sem dificuldades	36	60,0

\* Difícil acesso refere-se a barreiras físicas que dificultaram o acesso, tais como muros, matas, matagais, mangue, rios, canais etc.

Fonte: O autor

## 5.2 Espaços de uso de crack

Na maioria dos espaços de uso (55%), o entorno dos lugares de uso, era caracterizada como residenciais. Em 38,4% prevalecia um cenário comercial, sendo 21,7% de pequenos comércios (bancas de feirantes, boxes de mercados públicos e comércio ambulante) e 16,7% de grandes comércios (bancos, prédios empresariais e shopping centers). Nos demais 6,7% não foi possível definir uma predominância, sendo utilizada a categoria “sem predominância” (tabela 7). Em geral a equipe pôde permanecer 2 horas e meia nestes locais, com exceção dos categorizados como “sem predominância”, nos quais permaneceu em média 37 minutos (Apêndice C).

**Tabela 7** – Distribuição dos espaços de uso de *crack* segundo cenário predominante em seu entorno. Recife, 2011/2012

<b>Cenário</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Residencial	33	55,0
Pequenos comércios	13	21,7
Grandes comércios	10	16,7
Sem predominância	4	6,7
Total	60	100

Fonte: O autor

A tabela 8 apresenta a distribuição dos espaços de uso segundo a intensidade da movimentação de pessoas observada, tomada como a frequência da passagem de



pessoas pelo local. Em sua maioria (38/58) foi indicada intensa movimentação, que de maneira geral foi considerada quando havia a passagem quase constante de pessoas. A equipe permaneceu mais tempo em observação nos espaços definidos como de moderada movimentação (pouco menos de 4 horas) (Apêndice C).

**Tabela 8** – Distribuição dos espaços de uso de crack, segundo a intensidade da movimentação de pessoas no local. Recife 2011, 2012

Movimentação	N	%
Baixa	16	27,6
Moderada	4	6,9
Intensa	38	65,5
Total válido	58	100,0
Sem informação	2	-
Total	60	-

Fonte: O autor

Os equipamentos de saúde foram os mais observados pela equipe de campo. Cerca de 52% dos espaços tinham ao menos um PSF, CAPS, hospital ou Academia da Cidade (Programa municipal de incentivo a práticas corporais, com orientação e acompanhamento de profissionais de educação física e nutrição). Em boa parte também foram registrados equipamentos de educação (43,3%), principalmente escolas; igrejas (33,3%) e equipamentos da Assistência Social (CRAS, Centro da Juventude, CREAS etc.) (26,7%). Dos 60 lugares, 43 (71,6%) tinham pelo menos 1 equipamento social (tabela 9).

**Tabela 9** – Equipamentos sociais observados durante as visitas de campo aos espaços de uso de crack. Recife, 2011/2012

Tipo	N	%
Saúde	31	51,7
Educação	26	43,3
Igreja	20	33,3
Assistência Social	16	26,7
ONGs	6	10,0
Associação de moradores	7	11,7
Pelo menos 1 equipamento social	43	71,6

Fonte: O autor

A tabela 10 apresenta a distribuição dos espaços de uso segundo a presença ou não de policiamento, observada no momento da visita. Em 31 espaços (56,4%) foi observada a presença de rondas, batidas, núcleos e/ou viaturas policiais. Chama atenção que a presença policial foi registrada em 21 (72%) dos 29 lugares onde houve recrutamento de usuários de *crack* (dados não tabulados). A equipe de observadores permaneceu 1 hora a mais nos lugares onde havia a presença policial (cerca de 3 horas em média) quando comparado com a permanência naqueles sem a presença (cerca de 2 horas em média) (Apêndice C).

**Tabela 10** – Distribuição dos espaços de uso segundo o policiamento. Recife 2011, 2012

<b>Policiamento</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Ausente	24	43,6
Presente	31	56,4
Total válido	55	-
Sem informação	5	-
Total	60	-

Fonte: O autor

Para descrever as atividades psicotrópicas observadas nos espaços de uso de *crack*, como apresentado na metodologia, as mesmas foram categorizadas em tráfico (venda), aquisição de recursos (para obtenção da droga) e uso de drogas. Como o consumo de *crack* foi critério de inclusão dos cadernos de campo no estudo, foram descritos apenas o uso de outras drogas, independente de estarem sendo feitas por pessoas que, no momento da visita, puderam ser identificadas como usuárias de *crack*. A equipe de observadores permaneceu mais tempo em campo quando os lugares não apresentavam atividades de venda ou de aquisição de recursos (Apêndice C).

Em 40% dos espaços de uso de *crack* também foi constatado o tráfico de drogas e em 15% atividades relacionadas à aquisição de recursos. Na maioria dos espaços foi observado o uso de tabaco (71%) e de álcool (67%). Já o consumo da maconha foi identificado em 36% dos lugares de uso de *crack* e o de inalantes em 15,5% (tabela 11).

**Tabela 11-** Distribuição dos espaços de uso de crack segundo atividades psicotrópicas. Recife 2011, 2012

Atividade	n	%
Tráfico (n=60)	24	40,0
Aquisição de recursos (n=60)	9	15,0
Uso de tabaco (n=58)	41	70,7
Uso de álcool (n=58)	39	67,2
Uso de maconha (n=58)	21	36,2
Uso de inalantes (n=58)	9	15,5

Fonte: O autor

### 5.3 Lugares de uso de crack

Para descrição dos locais (pontos) de uso de *crack*, os mesmos foram caracterizados quanto ao tipo, condições de limpeza e frequência dos usuários de crack.

Dos lugares de uso de *crack*, 51,7% localizavam-se em vias públicas (avenidas, ruas, travessas e praças). Cerca de 35% eram em locais mais reservados, como construções abandonadas, embaixo de viadutos e em manguezal. Seis locais (6,7%) visitados eram em quadras esportivas ou em campos de futebol de bairro. Chama atenção que o mapeamento contemplou locais privados (residências) que corresponderam a 6,7% dos lugares sorteados e com uso de *crack* confirmado (tabela 12).

**Tabela 12** Distribuição dos lugares de uso segundo o tipo de lugar. Recife, 2011/2012

Tipo de lugar	n	%
Residência	4	6,7
Campo/Quadra	6	10,0
Mangue/Praia	4	6,7
Local Abandonado	15	25,0
Viaduto	2	3,3
Praça	12	20,0
Via publica	17	31,7
Total	60	100,0

Fonte: O autor

Na tabela 13 são apresentadas as condições de limpeza dos lugares de uso e de seu entorno. Na maioria (82%) as condições de limpeza eram precárias, com a visualização principalmente de lixo e dejetos humanos (urina e fezes), bem como de esgoto a céu aberto, moscas e ratos.

**Tabela 13** – Distribuição dos espaços de uso segundo as condições de limpeza. Recife 2011, 2012

Condições de limpeza	n	%
Precárias condições	45	81,8
Boas condições	10	18,2
Total valido	55	-
Sem informação	5	-
Total	60	100,0

Fonte: O autor

Dos 101 lugares sorteados, se conseguiu ter acesso a 83 deles (83/101:82%). Seis lugares (6/101:6%) não chegaram a ser visitados, pois foram identificados como inacessíveis durante o pré-campo, que já indicou a falta de segurança e de possibilidade de articulação para a entrada da equipe de pesquisa, o que também foi constatado em 12 lugares (12/101:12%) durante a visita de campo (tabela 14).

**Tabela 14** – Distribuição dos lugares de uso segundo o acesso ao lugar. Recife 2011, 2012

Acesso	n	%
Não (pré campo)	6	5,9
Não (campo)	12	11,9
Sim	83	82,2
Total	101	100,0

Fonte: O autor

Em relação aos 60 lugares com uso de *crack* verificado durante a observação de campo, foram acessados 55 (92%) e visualizados usuários em 30 (50%), sendo estabelecido contato com os mesmos em 29 (48%), a fim de convidá-los para a fase seguinte da Pesquisa (entrevista e testagens sorológicas).

As tabelas 15 e 16 apresentam dados relativos aos 30 lugares de uso de crack onde foi possível observar usuários. Na tabela 15 observa-se que 70% dos lugares tinham entre um e nove usuários e em apenas 30%, 10 ou mais.

**Tabela 15** – Distribuição dos lugares de uso segundo número de usuários. Recife 2011, 2012

Número de usuários de <i>crack</i>	n	%
1	1	3,3
2 a 4	10	33,3
5 a 9	10	33,3
10 a 14	4	13,3
15 a 19	5	16,7

Fonte: O autor

O número total de usuários observados pela equipe foi de 233, sendo a RPA 01 a Região onde mais foram visualizados ( $157/233 = 67,4\%$ ) e que apresentou a maior média por lugar de uso (9 usuários) (tabela 16).

**Tabela 16** – Número de usuários de *crack* por lugar de uso segundo características da visita de campo, do espaço e do lugar. Recife, 2011/2012. **(Continua)**

Parâmetro	Soma	Média	Desvio padrão	Mínimo	Máximo
<b>RPA</b>					
RPA 01 (n=17)	157,0	9,2	1,0	3	17
RPA 02 (n=3)	20,0	6,7	2,3	3	11
RPA 03 (n=0)	-	-	-	-	-
RPA 04 (n=3)	8,0	2,7	0,9	1	4
RPA 05 (n=3)	25,0	8,3	5,3	3	19
RPA 06 (n=4)	23,0	5,8	1,8	3	11
<b>Visita</b>					
Manhã (n=7)	36,0	5,1	0,7	3	7
Tarde (n=13)	84,0	6,5	1,1	1	14
Noite (n=8)	94,0	11,8	1,9	4	19
<b>Cenário</b>					
Residencial (n=9)	42,0	4,7	1,0	1	11
Pequenos comércios (n=8)	73,0	9,1	2,3	3	19
Grandes comércios (n=10)	77,0	7,7	1,0	3	14
Sem predominância (n=3)	41,0	13,7	1,3	11	15
<b>Movimentação de pessoas</b>					
Baixa (n=4)	31,0	7,8	2,6	3	15
Moderada (n=1)	19,0	19,0	*	19	19
Intensa (n=25)	183,0	7,3	0,9	1	17
<b>Policimento</b>					
Ausente (n=6)	38,0	6,3	1,9	3	15
Presente (n=22)	183,0	8,3	1,0	3	19
<b>Tráfico</b>					
Não (n=16)	111,0	6,9	0,9	3	15
Sim (n=14)	122,0	8,7	1,6	1	19

**Tabela 17** – Número de usuários de *crack* por lugar de uso segundo características da visita de campo, do espaço e do lugar. Recife, 2011/2012. **(Conclusão)**

Parâmetro	Soma	Média	Desvio padrão	Mínimo	Máximo
<b>Aquisição de recursos</b>					
Não (n=21)	152,0	7,2	1,0	1	17
Sim (n=9)	81,0	9,0	1,7	3	19
<b>Tipo de lugar</b>					
Residencial (n=1)	4,0	4,0	*	4	4
Campo/Quadra (n=2)	10,0	5,0	2,0	3	7
Mangue (n=1)	15,0	15,0	*	15	15
Local abandonado (n=7)	65,0	9,3	1,7	3	15
Viaduto (n=1)	7,0	7,0	*	7	7
Praça (n=7)	40,0	5,7	1,1	3	11
Via pública (n=11)	92,0	8,4	1,9	3	19
<b>Condição de limpeza</b>					
Precária (n=23)	189,0	8,2	1,1	1	19
Boa (n=5)	27,0	5,4	1,8	3	7
<b>TOTAL</b>	<b>233</b>	<b>7,8</b>	<b>0,9</b>	<b>1</b>	<b>19</b>

Fonte: O autor

No período da noite foi registrada a maior média de usuários por lugar (12), cerca do dobro da observada para os turnos da tarde (6,5) e da manhã (5). Também foi a noite quando se encontrou mais usuários num único lugar (19) (tabela 16). Contudo, a proporção de lugares com usuários durante as visitas feitas à tarde e à noite não foi diferente ( $13/24=54\%$  e  $8/15=53\%$ , respectivamente), sendo esta proporção um pouco menor nas visitas durante a manhã ( $7/18=39\%$ ) (dados não tabulados).

O cenário categorizado como “sem predominância” apresentou a maior média de usuários (em torno de 14), e aqueles definidos como comercial tiveram médias quase duas vezes a observada nos cenários residenciais (tabela 16). A proporção de lugares com presença de usuários no momento da visita foi bem menor nos cenários residências ( $9/33=27\%$ ) se comparados aos comerciais ( $18/23=78\%$ ) e aos “sem predominância” ( $3/4=75\%$ ) (dados não tabulados).

Em relação à movimentação de pessoas, a maior média de usuários foi encontrada nos espaços com moderada movimentação (19), mas do que o dobro dos locais com baixa ou intensa (7 a 8) (tabela 16). Por outro lado, os lugares com intensa movimentação foi onde houve o maior número de cenas com usuários presentes no

momento das visitas ( $25/38=66\%$ ), sendo que nos com moderada e baixa movimentação houve presença de usuários em apenas um quarto ( $1/4=25\%$  e  $4/16=25\%$ , respectivamente) (dados não tabulados).

Curiosamente, a média de usuários quando havia policiamento (8) foi maior do que quando não foi observada sua presença (6). Também foram nos locais com presença policial que houve o maior número de lugares com usuários, 71% (22/31), enquanto que nos demais lugares este percentual foi de apenas 25% (6/24) (dados não tabulados).

Observando as atividades psicotrópicas, as médias de usuários foram próximas nos lugares que apresentam atividade de tráfico ou de aquisição de recursos, em torno de 9, e entre aqueles que não tinham estas atividades a média foi em torno de 7 usuários (tabela 16). A proporção de lugares com presença de usuários no momento da visita foi maior naqueles com atividade de tráfico ( $14/24=58\%$ ) do que nos que não havia a venda da droga ( $16/36=44\%$ ) (dados não tabulados).

Os lugares que tiveram o maior número de usuários foi em rua (via pública) (19), seguido do mangue (15). Quanto às médias por tipo de lugar, os locais abandonados (9) e as via publica (8) apresentaram as maiores médias (tabela 16). A presença de usuários no momento da visita se deu em cerca de 60% das praças (7/12) e vias públicas (11/19); em metade dos viadutos (1/2), campos de futebol/quadras esportivas (2/4) e locais abandonados (7/15); e em apenas um quarto dos lugares residenciais (1/4) e mangues (1/4) (dados não tabulados).

Em lugares com precárias condições de higiene a média de usuários (8) foi maior do que naqueles com boas condições (5) (tabela 16). Contudo, a proporção dos lugares com a presença de usuários no momento da visita não teve diferença quanto às condições de higiene, 50% em ambas as categorias ( $23/45$  e  $5/10$ , respectivamente) (dados não tabulados).

## 6 DISCUSSÃO

Dos 101 lugares mapeados e sorteados, puderam ser identificados como territórios psicotrópicos 89 lugares onde havia atividades de venda, uso (de *crack* ou de outras drogas) ou aquisição de recursos para obtenção de drogas. Contudo, provavelmente devido ao intervalo prolongado, de 7 meses, entre o mapeamento e a observação, em 6 dos 95 lugares visitados (6%) não mais existia o uso de *crack* ou não sendo possível a identificação de sua “migração” para outro local.

As informações colhidas com informantes para o mapeamento de fato indicaram territórios psicotrópicos, mostrando o quanto são reconhecidos pelos atores locais. De acordo com Fernandes (1997), estes territórios são reconhecidos pela sociedade, mídia e agentes do governo através de uma etiquetagem social.

Possivelmente, se a observação tivesse ocorrido logo após o mapeamento, a chance de encontrar mais lugares de uso de *crack* “ativos” seria maior. Esse fechamento, ou inatividade, normalmente estava ligada a batidas policiais ou a ações de moradores ou traficantes para expulsar os usuários, bem como a homicídios que ocorreram no local, de pessoas usuárias. Percebe-se ainda que tais ações foram intensificadas após o lançamento do Programa Nacional de Enfretamento ao *Crack*, que ocorreu no mesmo período de início da observação de campo, no final de 2011.

A análise dos dados, assim como a literatura (Fernandes, 2004), sugere uma dinamicidade dos lugares de uso, ou seja, nem todo momento é conveniente ou seguro para executar alguma atividade psicotrópica em determinado lugar. A ilegalidade, o preconceito social e a violência exigem das pessoas usuárias de drogas que modifiquem suas estratégias a todo momento, se moldando às suas necessidades e às conveniências da sociedade. Por outro lado, segundo Fernandes (2004) com o passar do tempo estes lugares nunca permanecem intactos, pois adquirem novas funcionalidades e se adaptam às novas necessidades que surgem.



## 6.1 Desenvolvimento da observação de campo nos lugares de uso de crack

Discutiremos a seguir aspectos relativos ao desenvolvimento do campo da pesquisa: Perfil dos usuários de *crack* nas 26 capitais, Distrito Federal e 9 Regiões Metropolitanas”, desenvolvida pela Fundação Oswaldo Cruz e financiada pela Secretária Nacional de Políticas sobre Drogas (SENAD).

### 6.1.1 Distribuição espacial dos lugares de uso

Os dois bairros que concentraram um maior número de lugares de uso de *crack* (nas RPAs 1 e 6) são conhecidos no Município como locais de intensa atividade psicotrópica, em especial de tráfico, e constantemente são apontados como bairros violentos pela mídia local. A concentração de lugares de uso nesses bairros reforça ainda mais a idéia de que tratam-se de bairros com tendência forte a exercer atividade do psicotropismo. Aqui podemos afirmar que são os bairros mais “quentes” de nossa amostra.

Entretanto, outros bairros também conhecidos como territórios com maior atividade psicotrópicas, não tiveram grandes destaques em relação a concentração de lugares de uso. Isso provavelmente ocorreu porque a equipe de pesquisa teve acesso a um número maior de lugares fornecidos pelos informantes desse bairro. Com isso, não podemos afirmar que os bairros de Santo Amaro e Pina são os espaços com maior concentração de lugares de uso de crack na cidade.

Com exceção da RPA 03, as demais Regiões do Recife tiveram lugares com uso de *crack* confirmado, sendo que as RPAs 01 e 06 apresentaram um número maior do que as demais. O pequeno quantitativo de lugares mapeados na RPA 03, Região com a segunda maior população do Município (19,9%), indica um baixo desempenho do mapeamento nesta Região, que só teve 5 lugares sorteados, bem como uma maior dificuldade em acessá-los, visto que as informações colhidas no pré campo indicavam os lugares como sendo de extrema periculosidade ligada a movimentação do tráfico. Decidimos não acessá-los pensando em garantir a integridade da equipe.

Se por um lado a RPA 06 é a maior Região em termos populacionais, pois concentra um quarto da população municipal, a RPA 01 é a menor, representando 5,5% da população. Por outro lado, tivemos uma maior representatividade da RPA 01 quanto ao número de lugares de uso de crack confirmados. Isso se deve a maior facilidade de visualização e acesso a estes lugares, bem como de acesso aos usuários de drogas.

Além do maior número de lugares de uso identificados, a RPA 01 – correspondente ao centro da Cidade, onde iniciou a formação do Município, caracterizada atualmente por ser uma área de comércio e serviços – teve o maior número de usuários visualizados ( $157/233= 67,4\%$ ), o que pode indicar que há uma migração de usuários de outras Regiões, (provavelmente mais periféricas) na perspectiva de galgarem outras possibilidades de aquisição de recursos.

Pelas vivências de entrevistas com a população usuária de drogas, quer seja em pesquisas ou em espaços de cuidados da saúde ou da assistência social, nos deparamos comumente com o sujeito que passa a morar na rua por conta de conflitos familiares, perseguição e ameaça de morte na comunidade. Isso devido aos pequenos furtos praticados a familiares e comunitários para aquisição da droga e/ou dívidas de drogas a traficantes.

Este é um perfil muitas vezes encontrado entre os indivíduos que fazem uso de *crack* na RPA 01, que por se caracterizar como um centro urbano comercial e historicamente ter a presença de moradores de rua, possivelmente permita com maior tranquilidade que pessoas vindas de outras Regiões se estabeleçam sem muita resistência. Pela própria experiência no campo da pesquisa, através das tentativas frustradas da entrada da equipe em locais mais periféricos, observa-se que esta permissividade não ocorre nestas áreas.

#### 6.1.2 Acesso aos espaços de uso

Apesar da observação de campo no estudo TLS ser um procedimento que deva ser realizado com o mínimo de interferência dos pesquisadores, a fim de garantir o

recrutamento de uma amostra aleatória da população de estudo, a entrada da equipe de pesquisa nos espaços de uso de *crack* requer a coleta de informações e articulações que permitam avaliar a segurança dos observadores/recrutadores em campo, devido a violência cotidiana nestes espaços, quer seja entre usuários, entre traficantes, entre estes dois grupos, ou ainda destes com a polícia.

Assim, se tomou como orientador realizar estas articulações com pessoas da área que fossem próximas aos usuários, orientando-os a não marcarem encontro destes com os pesquisadores, mas apenas indicar pessoas na área que pudessem ao mesmo tempo comunicar ao tráfico local do que se tratava e tranquilizar os usuários que estivessem presentes no momento da visitação.

Em Recife, devido à experiência de atuação nas comunidades por boa parte da equipe de pesquisa, esta articulação precisou ser feita antes da visita de campo (pré-campo) em apenas 22% (13/ 60) dos lugares que tiveram o uso de *crack* confirmado. Na maioria das visitas realizadas (37/60) esta articulação foi feita apenas no momento da observação e em 10 não foi necessária.

O fato do local ser movimentado e público, o conhecimento prévio da área, além da realização dos contatos para entrada nos locais, foram as facilidades mais apontadas pelos observadores para acessar os lugares de uso. Quanto às dificuldades para o desenvolvimento do campo, os elementos mais apontados foram as atividades de tráfico de drogas, bem como dificuldades de barreiras físicas como lixo (espalhado em grande quantidade), matagais e a vegetação do mangue, que além da dificuldade física, também imprimiam maior insegurança para entrada no local. Além destes, o acesso a locais de uso em beiras de canais ou em caixas de inspeção do sistema de esgoto público também geravam maior dificuldade de acesso.

Dos 12 lugares inacessíveis permanentemente (seis identificados no pré campo), dois eram privados (em residências) e 10 não puderam ser acessados por conta do tráfico. Também relacionado ao tráfico, três dos cinco lugares de uso “inativos” foram pontos de venda e uso debelados pela polícia.

Muitos dos lugares de uso estavam localizados em terrenos e/ou construções abandonados e de difícil acesso, indicando que as pessoas usuárias de drogas muitas vezes procuram ser menos visíveis, provavelmente para aumentar sua segurança e tranquilidade. Segundo Fernandes (2004), os territórios de uso mais convenientes são os que permitem se desvencilhar do “mundo lá fora” e “viajar”, sem interrupções ou julgamentos morais.

O que se percebeu fortemente durante as vistas, em especial naqueles espaços que não ficavam no centro da cidade ou em feiras e mercados públicos, isto é, nos bairros mais periféricos, é que, por um lado, os usuários tem muito medo de qualquer abordagem, pois logo a associam a violência policial e do tráfico, ou à internação involuntária, e por outro, o tráfico tem muita desconfiança da polícia disfarçada.

Algumas situações vivenciadas pelos observadores retrataram bem estas situações de violência e medo vivenciadas nestes espaços: em um dos lugares que estavam programadas duas vistas, na primeira os observadores foram bem recebidos pelos traficantes, que inclusive os chamaram para sentar e conversar em uma mesa de bar – o que ocorreu – bem como pela agente comunitária de saúde (ACS), que se propôs a ajudar. No contato feito com a ACS para a segunda observação, a mesma referiu ter sido pressionada e ameaçada pelos traficantes, que mandou o recado para que a equipe não retornasse pois estaria correndo risco de morte. Em um outro espaço, o parceiro contatado recebeu o seguinte recado do traficante: “com você não entram, se quiserem entram sozinhos, e diga que aqui não precisamos da saúde, aqui eu sou a saúde, aqui eu sou o governo”.

Uma outra passagem vivenciada à noite, foi a abordagem surpresa da polícia, com chegada silenciosa e armas apontadas para os observadores durante recrutamento de usuários em área próxima ao tráfico. Após as devidas explicações do que acontecia no local, os policiais foram embora e os usuários, com muito medo, logo aceitaram o convite e pediram para serem levados dali para a Pesquisa. Algumas semanas depois, ao encontrar um destes usuários na rua, um dos observadores ficou sabendo que ao retornar para o local (pois moravam próximos de onde foram

recrutados) a polícia os abordou, bateu e rasgou o material entregue a eles (encaminhamentos, material educativo e o ticket alimentação).

### 6.1.3 Freqüência de usuários por turno e tempo de permanência em campo

Pudemos perceber durante o campo que a equipe condicionava sua permanência em campo a dois fatores: a movimentação do tráfico e a possibilidade de recrutar usuários. No período da manhã era mais fácil permanecer nos espaços por conta da baixa atividade de tráfico, entretanto era bem mais difícil encontrar usuários para o recrutamento e normalmente o campo findava antes do término do turno.

No período da noite, que apresentou a maior média de usuários visualizados, o dobro dos demais turnos, a equipe tendia a permanecer em campo pela maior possibilidade de recrutamento. Contudo, esta permanência era balizada pela possibilidade de ações violentas por parte de traficantes ou de outros criminosos, ou pela possibilidade de conflitos entre estes ou com a polícia. Assim, havia uma orientação para que o campo de pesquisa encerrasse por volta das 22h, tendo este horário sido ultrapassado em poucos momentos.

Se por um lado a maior permanência da equipe em locais com policiamento pode ser explicada pelo fato das atividades de tráfico provavelmente serem menores, gerando maior segurança para equipe de pesquisa, por outro lado estes espaços também apresentaram uma maior média de usuários por lugar visitado, o que de algum modo aponta para o fato dos usuários também não permanecerem, pelo menos em maior número, nos espaços com maior movimentação de tráfico.

De acordo com as informações obtidas durante o campo da pesquisa, com os próprios usuários ou pessoas que de alguma forma estão próximas ao seu dia-a-dia, pela manhã estão se recuperando do uso do dia anterior e quando começam suas atividades é na “carrera” em busca de recursos para adquirirem a droga, iniciando seu uso no final da tarde e a noite – período que também proporciona aos usuários ficarem menos visíveis. Provavelmente não se trata de uma rotina, mas pela freqüência observada nos lugares visitados, que vai aumentando ao longo do dia, esta é uma situação comum na vida dos usuários.

Durante as visitas a campo também se pode perceber que pequenos comerciantes se utilizam da mão de obra destes usuários, em troca de um prato de comida ou de um pagamento bem abaixo do que se é cobrado no mercado, como carregar compras na feira, limpar grades, lavar carros etc., semelhante ao que é observado por profissionais da abordagem de rua da assistência social em relação à população em situação de rua.

A tarde foi o período em que os observadores permaneceram mais tempo no campo, tanto pela maior possibilidade de encontrar usuários a serem recrutados, como pela maior segurança que a movimentação de pessoas e a própria luz do dia proporciona, o que também implica em uma atividade do tráfico mais reservada.

#### 6.1.4 Desfecho da visita a campo

Apesar de 60 lugares terem o uso de *crack* confirmado, em apenas metade foram visualizados usuários no momento da visita. Na outra metade, em sua maioria (27) a observação foi realizada no turno e/ou dia em que normalmente não há usuários, principalmente nos períodos da manhã e da tarde. Em apenas 3 lugares as informações indicavam que haveria usuários no dia e turno da visita, mas no dia que foi realizado o campo não foram visualizados.

Além destas questões ligadas ao mapeamento dos lugares de uso, quando possivelmente foram informados dias e horários em que não há a presença de usuários nos locais indicados, outros aspectos levantados para este quantitativo de lugares sem a presença de usuários, foram o tempo entre o mapeamento e a observação, assim como a intensificação das ações governamentais de “enfrentamento ao *crack*”.

## 6.2 Espaços de uso de crack

Discutiremos a seguir as características relativas ao entorno dos lugares de uso de *crack*.

### 6.2.1 Cenário

Em cerca da metade (33/60) dos lugares de uso havia a predominância de residências em seu entorno. Eram pontos situados nas periferias da cidade distantes da movimentação intensa do centro e em meio as ruas, praças ou locais abandonados da comunidade. Os usuários que freqüentavam os lugares moravam próximos dos pontos e eram bem conhecidos dos comunitários.

No cenário comercial os pontos de uso estavam situados nas grandes praças da cidade, avenidas e terrenos abandonados. Foi onde encontramos a maior circulação de usuários e onde o policiamento estava bastante presente (19/23). Os usuários que costumam frequentar esses espaços são moradores de rua, flanelinhas, “aviãozinhos” e profissionais do sexo. Utilizam pontos mais reservados para o consumo e espaços mais movimentados para se reunirem e para a aquisição de recursos. Dos nove pontos onde identificamos atividade de aquisição de recursos, seis estão localizados num entorno comercial.

A grande maioria destas pessoas trazia consigo tralhas e quinquilharias como roupas, papelões, sacolas plásticas, frascos de desodorante, tampas de garrafas, caixas de fósforos e latas de refrigerante. Eles levavam tais objetos para onde quer que fossem, mas logo voltavam à praça, que aparentava ser um local de encontro destes sujeitos, que nela chegavam, conversavam e se retiravam, voltando logo em seguida, provavelmente após o consumo do crack longe das vistas matinais da polícia e das pessoas que por ali transitam (LIRA, 2011)

Observou-se que nos cenários residenciais, os lugares de uso parecem ter maior dinamicidade, surgindo e/ou desaparecendo com maior frequência do que nos cenários comerciais, indicando, possivelmente, que nos espaços mais periféricos e predominantemente residenciais, estes usuários estão mais expostos à violência e a serem expulsos dos lugares de uso, pelo tráfico, pela comunidade e pela polícia.

Um dado importante da descrição dos espaços de uso foi a presença em 72% deles de pelo menos um equipamento social, a maioria públicos da Saúde, Educação e Assistência Social, além de igrejas. Estes equipamentos podem ser um facilitador para estratégias de acesso a esta população, e de promoção da qualidade de vida e prevenção de doenças e agravos.

Ao mesmo tempo em que se observou o uso em lugares mais reservados, também se percebeu uma maior escolha por espaços que permitissem a obtenção de recursos para conseguir a droga, explicando, pelo menos em parte, a maioria dos lugares (38/60) estarem em espaços de grande movimentação de pessoas.

A distribuição dos espaços segundo a presença ou não de policiamento foi bem balanceada, com um pouco mais da metade dos espaços com a presença policial, registrada na maioria das vezes como rondas policiais. Com a leitura dos cadernos pode-se perceber que estas rondas acabavam por inibir o uso quando ocorriam num cenário residencial, o mesmo não ocorrendo naqueles caracterizados predominantemente pelo comércio. O fato da presença de policiamento no entorno dos lugares de uso, principalmente de rondas, ter sido assinalada em 72% dos lugares onde houve recrutamento de usuários, aponta para que, de alguma forma, a ação policial deva estar mais voltada para o problema do tráfico.

Contudo, estes resultados requerem investigações mais aprofundadas, voltadas para o entendimento destas questões.

### 6.2.2 Atividades psicotrópicas

Em 6 lugares (10%) visitados, foram observadas atividades psicotrópica de uso, venda e de aquisição de recursos, que apresentaram uma média elevada de usuários (16) em comparação com as demais. Fernandes (2004) em seus estudos já apontava que em alguns dos que ele chamou de territórios psicotrópicos, ocorrem as três atividades sem linhas territoriais bem definidas, caracterizando-se por serem territórios dinâmicos, onde as várias atividades psicotrópicas se misturam num único lugar.

Como mencionado anteriormente, a maior parte das atividades de tráfico foram registradas nas visitas realizadas a noite ou a tarde (80%). Notou-se ainda que os espaços de aquisição de recursos também eram utilizados para o descanso e convivência com outros usuários, sendo as atividades mais frequentes as de flanelinhas, limpadores de para brisa e a troca de sexo por dinheiro ou drogas.



Apesar do álcool e do tabaco serem frequentemente relatados nos cadernos de campo, normalmente seu consumo era observado no entorno dos lugares de uso de *crack*, em residências ou bares. Nos pontos de uso mais comumente era relatada a presença de carteiras e bitucas de cigarro, pois o consumo do crack fumado em latas e cachimbos requer a utilização de cinza de cigarro.

O uso de maconha normalmente era feito por usuários que não faziam uso do crack e utilizavam o mesmo espaço pela sua conveniência. Há relatos nos cadernos que os usuários de maconha se referiam aos de crack como os “noiados”, de forma pejorativa, fazendo alusão aos efeitos negativos provocados pela droga e indicando que não queriam ser identificados como usuários de *crack*. Há ainda relatos de que os usuários de maconha referiam colocar os “noiados pra correr”.

O inalante mais predominante foi a cola de sapateiro, sendo ainda identificado em alguns espaços o uso de loló. A cola de sapateiro foi observada nos espaços de uso onde o consumo do crack era feito em praças e a população de rua era quem, geralmente, consumia a droga.

### **6.3 Lugares de uso de crack**

Ao contrário do indicado na literatura, de que “Os lugares públicos mais reconditos e adequados a este momento vem sendo as casas abandonadas e terrenos baldios” (FERNANDES, 2004), observou-se que metade dos lugares visitados estavam em vias públicas e praças (51,7%) e um quarto em locais abandonados. Contudo, não podemos deixar de associar este fato ao próprio processo de mapeamento, que mais facilmente irá listar lugares de mais fácil visualização por parte dos informantes, o que também os comprometeria menos. Entretanto, os locais abandonados, mais escondidos, mesmo que em menor número na amostra de lugares, apresentaram a maior média de usuários.

Chamou atenção o consumo de *crack* em quadras de colégio e campos de futebol de bairro, bem como em lugares extremamente sujos, como em encostas de

córregos, que na verdade são escoamento de esgotos, e em lugares de inspeção do sistema de esgoto público.

Muitos dos lugares visitados tinham fezes e urina, além de objetos levados pelos usuários, que foi identificado como lixo, como roupas rasgadas, latas de refrigerante e de cerveja, pedaços de móveis, papéis e restos de cigarros. Uma referência frequente nestes lugares foi o mal cheiro muito forte.

Tivemos a oportunidade de acessar muitos dos lugares sorteados (82,2%), para isso utilizamos de várias estratégias, como a realização de contatos (antes e durante a visita), fardamento, crachá e identificação dos veículos utilizados. Mesmo com esse cuidado, os usuários e contatos suspeitavam do interesse dos observadores, imaginando que fossem policiais disfarçados. Para qualquer ação a ser desenvolvida com esse público nos lugares onde fazem uso dessa droga, é necessário levar em consideração as atividades ilegais, os riscos e desconfiança dessa população. É necessário ganhar a confiança dos usuários ou contatos, utilizando de estratégias que venham a dirimir essas suspeitas.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por se tratar de um estudo com populações de difícil acesso, pode-se considerar que obteve-se um razoável tempo de observação de campo (147 horas), assim como um amplo quantitativo de visitas (117), além da produção de importante número de cadernos de campo (197).

A maioria dos lugares foram acessados após a realização de articulações com atores locais. Mas para qualquer ação a ser desenvolvida com esse público nos lugares onde fazem uso do *crack*, é necessário levar em consideração as atividades ilegais, os riscos e a desconfiança dessa população e do tráfico.

Nas oportunidades em que podemos dialogar com os usuários e observar de perto a realidade do lugar de uso, podemos realizar orientações de redução de danos, distribuição de insumos, encaminhamentos para equipamentos de saúde e propúnhamos a participação deles na entrevista.

Os lugares de uso de *crack* acessados pela Pesquisa tanto estavam localizados em lugares com maior predominância de comércio, como em lugares mais caracterizados por serem residenciais, sendo que os primeiros tinha uma maior frequência de usuários. Um pouco mais da metade tinham a presença de policiamento, principalmente por rondas policiais, dois terços estavam em espaços (entorno) com intensa movimentação de pessoas e mais de 80% tinham precárias condições de limpeza. Metade localizava-se em vias públicas e praças e um quarto em locais abandonados, e mais de setenta por cento estavam próximos a equipamentos sociais (da saúde, educação e assistência social, além de igrejas). Menos da metade tinham atividade de tráfico e menos de um quinto atividades de aquisição de recursos.

Podemos apontar que os espaços apropriados pelos usuários para o uso do *crack*, se tratam de lugares insalubres e com risco freqüente de ações violentas.

Em metade dos lugares foram visualizados usuários no momento da vista, sendo a média de usuários por lugar de 7,8. Mas variações foram encontradas em função de

diversos aspectos, sendo maior no período noturno; em cenários onde havia comércio; com movimentação intensa de pessoas; em locais mais reservados, como locais abandonados e mangue; em lugares onde havia outra atividade psicotrópica ligada (tráfico ou aquisição de recursos) e as condições de limpeza eram precárias.

A concentração maior de usuários de crack na cidade está dentro de um contexto urbano, mas não com grandes concentrações de usuários como ocorre com os lugares conhecidos como *cracolândias*. O número de usuários concentrados é menor e esses parecem utilizar a droga em diversos lugares diferentes.

Mesmo traçadas as principais características dos lugares de uso de *crack* no Recife, a análise dos cadernos de campo traz algumas limitações para o entendimento de diversas questões observadas, visto que são registros subjetivos realizados num momento único de observação. Assim, o esforço empreendido aqui é de grande importância para trabalhos futuros que busquem aprofundar o tema.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, P. R. A política criminal antidrogas no Brasil: tendência deslegitimadora do Direito Penal. **Jus.com.br**, Teresina, ano 8, n.131, 14 jun. 2003. Disponível em: <<http://jus.com.br/revista/texto/4486/a-politica-criminal-antidrogas-no-brasil>>. Acesso em: 15 out. 2012.

BEZERRA, A. C. V. **Subsídios à Gestão Territorial do Programa de Saúde Ambiental**: contribuição da geografia à construção de mapas operacionais para territorialização dos Agentes de Saúde Ambiental no Recife-PE. 2008. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

BRASIL. Secretaria de Atenção à Saúde. **A Política do Ministério da Saúde para Atenção Integral e Usuários de Álcool e outras Drogas**. 2. ed. rev. ampl. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

BRASIL. Secretaria Nacional Antidrogas, Gabinete de Segurança Institucional. **II Levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil**: estudo envolvendo as 108 maiores cidades do país. São Paulo: CEBRID: UNIFESP, 2006.

CABRAL, O. L. Revisitando as noções de espaço, lugar, paisagem e território, sob uma perspectiva geográfica. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, v. 41, n.1/2, 2007. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/15626>>. Acesso em: 15 out. 2012.

CARLINI-COTRIM, B.; GAZAL-CARVALHO, C.; GOUVEIA, N. Comportamentos de saúde entre jovens estudantes das redes pública e privada da área metropolitana do Estado de São Paulo. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 34, n. 6, p. 636-645, 2000. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S003489102000000600012&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S003489102000000600012&script=sci_arttext)>. Acesso em: 15 out. 2012.

CHAVES, T. V. et al. Fissura por crack: comportamentos e estratégias de controle de usuários e ex-usuários. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 45, n. 6, p. 1168-1175, 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S003489102011005000066&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S003489102011005000066&script=sci_arttext)>. Acesso em: 15 out. 2012.

FERNANDES, J. L.; PINTO, M. El espacio urbano como dispositivo de control social: territorios psicotrópicos y políticas de la ciudad. **Revista internacional da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto**, Porto, p. 147-162, 2004. Disponível em: <<http://repositorioaberto.up.pt/handle/10216/17756>>. Acesso em: 12 out. 2012.

FERNANDES, J. L. **Atores e Territórios Psicotrópicos**: etnografia das drogas numa periferia urbana. 1997. Tese (Doutorado) - Universidade do Porto, Porto, 1997.

FORTE, F. A. P. Racionalidade e legitimidade da política de repressão ao tráfico de drogas: uma provocação necessária. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 21, n. 61, p. 193-208, dez. 2007.

INSTITUTO NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA PARA POLÍTICAS PÚBLICA DO ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS. **II Levantamento Nacional de Álcool e outras Drogas: Uso de cocaína e crack no Brasil.** São Paulo, 2012.

LARANJEIRA, R. et al. (Coord.). **Usuários de substâncias psicoativas: abordagem, diagnóstico e tratamento.** 2. ed. São Paulo: Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo: Associação Médica Brasileira, 2003.

LIRA, W. L. [Caderno de campo]. Recife, 2011.

MAGNANI R et al. Review of sampling hard-to-reach and hidden populations for HIV surveillance. **AIDS**, Atlanta, v. 19, supl. 2, p. S67-72, 2005. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/15930843>>. Acesso em: 15 out. 2012.

MOURÃO, C. **O Homem, a Cultura e as Drogas.** Disponível em: <[http://www.vivatranquilo.com.br/saude/colaboradores/carla\\_mourao/homem\\_cultura\\_drogas/mat1.htm](http://www.vivatranquilo.com.br/saude/colaboradores/carla_mourao/homem_cultura_drogas/mat1.htm)>. Acesso em: 15 out. 2012

NAPPO, S. A.; SANCHEZ, Z. M.; RIBEIRO, L. A. Is there a *crack* epidemic among students in Brazil?: comments on media and public health issues. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 9, p.1646-1649, set. 2012.

RABELO, J. F. et al. Drogas ilícitas: registros de um centro de informação e assistência toxicológica do município de Maringá, Pr, 2004 - 2005. **Arquivo de Ciência da Saúde Unipar**, Umuarama, v. 11, n. 2, p. 77-81, maio/ago. 2007.

RAUPP, L.; ADORNO, R. C. F. Circuitos de uso de *crack* na região central da cidade de São Paulo (SP, Brasil). **Ciências e saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 5, p. 2613-2622, maio 2011.

RAYMOND, H. F. et al. **Guia de Recursos: Amostragem por Tempo-Local (TLS).** Departamento de Saúde Pública de São Francisco, Secção de Epidemiologia do HIV, Unidade de Vigilância Comportamental, 2010. Disponível em <<http://www.globalhealthsciences.ucsf.edu/sites/default/files/content/pphg/surveillanc e/modules/global-trainings/time-location-sampling-resource-guide-portuguese.pdf>>. Acesso em 12 mar. 2013.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção.** 4. ed. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 2006.

SILVA, J. T. Interfaces entre Religião e Toxicomania: Estudo de caso sobre uma instituição evangélico-pentecostal que oferece Tratamento para dependentes químicos no Rio de Janeiro. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DO NUCLEO DE ESTUDOS DA AMERICA LATINA, 3., 2012, Rio de Janeiro. **Trabalhos.** Disponível em: <[www.congressonucleas.com.br/trabalhos/JanineTarginodaSilva.pdf](http://www.congressonucleas.com.br/trabalhos/JanineTarginodaSilva.pdf)>. Acesso em: 15 out. 2012.

APENDICE A – Planilha de consolidação dos dados.

RPA	BAIRRO	VISITA	TURNOS	ENTORNO	MOVIMENTAÇÃO DE PESSOAS	POLICIAMENTO	TIPO	CONDIÇÕES DE LIMPEZA	Nº DE USUÁRIOS
1	SANTO AMARO	1	2	3	3	1	1	*	8
1	SÃO JOSE	1	1	2	1	1	5	1	6
1	SANTO AMARO	4	*	4	1	1	4	1	45
1	SANTO ANTONIO	1	1	3	3	1	5	1	7
2	CAMPINA DO BARRETO	1	1	1	3	1	2	2	0
2	ENCRUZILHADA	1	2	2	3	1	5	1	11
2	CAMPO GRANDE	1	3	1	3	1	5	2	0
1	RECIFE	1	3	4	3	1	6	2	4
4	IPUTINGA	1	1	2	3	1	1	1	0
6	PINA	1	2	2	3	1	3	1	0

USUARIOS	LUGAR	ENTORNO	TABACO	ALCOOL	MACONHA	INALANTE	CONTATO PREVIO	CONTATO CAMPO
1	0	1	1	0	0	0	0	1
1	1	1	1	1	1	1	0	0
1	1	1	1	1	0	0	1	1
1	1	1	1	1	0	0	0	0
1	1	1	0	1	1	0	0	1
1	1	1	1	1	0	1	0	1
0	1	1	1	0	1	1	0	1
1	1	1	1	1	0	0	0	0
0	1	1	1	0	0	0	0	1
0	1	1	1	0	1	0	0	1



EQ. SOCIAIS	PERMANENCIA	CODIGO	TRAFICO	USO	AQUISIÇÃO	FACILIDADE	DIFICULDADE
3	*	3	1	1	0	*	ACESSO
3	*	1	0	1	0	CONHECER A ÁREA	*
0	120	3	1	1	1	CONHECER A ÁREA/CONTATOS REALIZADOS	MOVIMENTAÇÃO DE TRAFICO
0	210	1	0	1	1	LOCAL PUBLICO	AUSENTE
3	240	31	0	1	0	LOCAL PUBLICO	ACESSO
2	*	1	1	1	1	LOCAL PUBLICO/BOA RECEPÇÃO	AUSENTE
2	210	5	0	1	0	LOCAL PUBLICO	ACESSO
*	230	3	1	1	0	LOCAL PUBLICO/CONHECER A ÁREA	AUSENTE
*	240	31	0	1	0	HORARIO DA VISITA	ACESSO
3	60	21	0	1	0	FACIL ACESSO/BOA RECEPÇÃO	ACESSO

**APENDICE B – Dicionário de Variáveis**

<b>Grupo</b>	<b>Variável</b>	<b>Descrição</b>	<b>Categorias</b>	<b>Códigos</b>		
<b>I. Dados Gerais</b>	<b>RPA</b>	Região político-administrativa		1;2;3;4;5 e 6		
	<b>Bairro</b>	Nome do bairro				
	<b>Visitas</b>	Quantidade de visitas realizadas				
	<b>Turno</b>	Turno da visita	Manhã		1	
Tarde				2		
Noite				3		
<b>II. Espaço</b>	<b>Movimentação de pessoas</b>	Fluxo de pessoas no entorno	Baixa		1	
			Moderada		2	
			Intensa		3	
	<b>Outras drogas</b>	Outras drogas observadas durante a visita no entorno ou lugar	Tabaco	Sim		0
				Não		1
			Álcool	Sim		0
				Não		1
			Maconha	Sim		0
				Não		1
			Inalante	Sim		0
				Não		1
	<b>Policimento</b>	Presença de agente policial no entorno	Presente		1	
			Ausente		0	
	<b>Condições de limpeza</b>		Más condições		0	
			Boas condições		1	
	<b>Equipamentos Sociais</b>	Quantidade de equipamentos sociais (da saúde, da assistência, da educação, religiosos, ongs etc)				
	<b>Atividades psicotrópicas</b>	Tipos de atividades psicotrópicas observadas	Ponto de Venda	Sim		1
				Não		0
			Ponto de Consumo	Sim		1
				Não		0
			Ponto de Aquisição de Recurso	Sim		1
				Não		0
	<b>Cenário</b>	Predominância do cenário	Residencial		1	
			Pequenos comércios		2	
			Grandes comércios		3	
			Sem predominância		4	
	<b>Acesso</b>	Acesso ao local da cena de uso	Sim		1	
Não				0		
<b>Contatos realizados</b>	Contatos realizados no pré-campo	Sim		1		
		Não		0		
	Contatos realizados no campo	Sim		1		
		Não		0		
<b>Facilidades</b>	Tipos de facilidades encontradas para a realização do campo	Fácil Acesso		1		
		Local Movimentado		2		
		Boa Recepção		3		
		Conhecimento da Área		4		
		Local Público		5		
		Contatos Realizados		6		

		Ausente	7	
<b>Dificuldades</b>	Tipos de dificuldades encontradas para a realização do campo	Difícil Acesso	1	
		Horário da Visita	2	
		Má recepção	3	
		Desconhecimento da Área	4	
		Movimentação do Tráfego	5	
		Batidas Policiais	6	
		Ausente	7	
<b>Permanência</b>	Tempo total de permanência no entorno ou lugar de uso	Minutos		
<b>Desfecho</b>	Tipo de desfecho da observação	Houve observação e o recrutamento foi finalizado por alcançar o número previsto de usuários a recrutar	1	
		Houve observação e o recrutamento foi terminado por alcançar o final do turno, mas com alguns usuários recrutados	2	
		Houve observação e o recrutamento foi terminado por alcançar o final do turno, sem usuário recrutado	3	
		Houve observação e o recrutamento foi finalizado por alcançar o número previsto de usuários a recrutar, porém em lugar não listado previamente	4	
		A cena fechou / não existe mais no local e não foi transferida de local	5	
		A cena foi transferida para local desconhecido	6	
		Não existem usuários no turno selecionado, apesar da cena existir em outros turnos	7	
		Cena-turno inacessível permanentemente (não poderá ser visitada durante o prazo da pesquisa)	8	
<b>III. Lugar de Consumo</b>	<b>Tipo de lugar</b>	Tipo de lugar onde predominantemente ocorre o uso de crack	Residência	1
			Campo/quadra	2
			Mangue/praiá	3
			Local abandonado	4
			Viaduto	5
			Praça	6
			Via pública	7
	<b>Nº de usuários</b>	Número de usuários encontrados no entorno ou na cena durante a visita		
	<b>Acesso</b>	Acesso durante as visitas à cena e aos usuários	Sim	1
			Não	0

## APENDICE C – Tabela Tempo de permanência

**Tabela 17-** Tempo de permanência em campo segundo turno da visita, cenário, movimentação de pessoas, presença de atividades de tráfego e de aquisição de recursos, policiamento, tipo do lugar de uso e condições de limpeza. Recife, 2011/2012.

Parâmetro	Média	Desvio padrão
<b>RPA</b>		
RPA 01 (n=14)	148,9	19,8
RPA 02 (n=6)	200,0	18,4
RPA 03 (n=0)	-	
RPA 04 (n=8)	164,8	39,7
RPA 05 (n=10)	132,0	18,9
RPA 06 (n=13)	155,0	25,3
<b>Visita</b>		
Manhã (n=17)	148,8	17,9
Tarde (n=18)	181,4	20,8
Noite (n=13)	146,5	18,7
<b>Cenário</b>		
Residencial (n=31)	162,4	14,8
Pequenos comércios (n=10)	154,5	23,0
Grandes comércios (n=8)	160,6	26,9
Outros (n=2)	37,5	7,5
<b>Movimentação de pessoas</b>		
Baixa (n=15)	134,7	21,0
Moderada (n=3)	223,3	53,6
Intensa (n=31)	164,5	13,7
<b>Policiamento</b>		
Não (n=19)	136,1	15,4
Sim (n=27)	172,7	14,5
<b>Tráfego</b>		
Não (n=31)	169,4	12,7
Sim (n=20)	134,4	20,2
<b>Aquisição de recursos</b>		
Não (n=43)	157,0	12,4
Sim (n=8)	148,1	28,0
<b>Tipo de lugar</b>		
Residencial (n=4)	192,0	51,6
Campo/Quadra (n=4)	195,0	35,7
Mangue/Praia (n=2)	75,0	45,0
Local abandonado (n=12)	153,8	21,2
Viaduto (n=2)	180,0	0,0
Praça (n=9)	116,1	22,4
Via publica (n=18)	159,6	20,7
<b>Condição de limpeza</b>		
Precária (n=38)	159,6	12,7
Boa (n=10)	162,0	26,8

## ANEXO A – Parecer da comissão de ética



**Título do Projeto:** "Perfil de usuários de crack nas 26 capitais, Distrito Federal, 9 regiões metropolitanas e Brasil".

**Pesquisador responsável:** Naide Teodósio Valois Santos.

**Instituição onde será realizado o projeto:** CPqAM/FIOCRUZ

**Data de apresentação ao CEP:** 23/03/2011

**Registro no CEP/CPqAM/FIOCRUZ:** 10/11

**Registro no CAAE:** 0008.0.095.031-11

## PARECER Nº 17/2011

O Comitê avaliou as modificações introduzidas e considera que os procedimentos metodológicos do Projeto em questão estão condizentes com a conduta ética que deve nortear pesquisas envolvendo seres humanos, de acordo com o Código de Ética, Resolução CNS 196/96, e complementares.

O projeto está aprovado para ser realizado em sua última formatação apresentada ao CEP e este parecer tem validade até 01 de junho de 2014. Em caso de necessidade de renovação do Parecer, encaminhar relatório e atualização do projeto.

Recife, 01 de junho de 2011.

*Ornella Campesano Oliveira*  
 Ornela Campesano Oliveira  
 Farmacóloga  
 Gerenciadora  
 Núcl. SAPE-048.1119  
 CPqAM/FIOCRUZ

Observação:

Anexos:

- Orientações ao pesquisador para projetos aprovados;
- Modelo de relatório anual com 1º prazo de entrega para 01/08/2012.

Campus de UFPE - Av. Moraes Rego, s/n  
 CEP 50.570-420 Fone: (51) 2101.2639  
 Fax: (51) 3462.1911 | 2101.2639  
 Recife - PE - Brasil  
 comiteetica@cpqam.fiocruz.br



## ANEXO B – Caderno Campo

**CADERNO DE CAMPO - PESQUISA CRACK****1. Descreva o que você está vendo na localidade:**

*(Descreva as características pertinentes ao local em que a cena se encontra e seu entorno. Informações sobre o espaço físico e geográfico, movimentação de pessoas no local, comércio, policiamento, condições de limpeza, etc )*

**2. Descreva as cenas de uso de “crack e similares”:**

*(Descreva as características pertinentes a cena de uso de drogas. Configuração da cena e pessoas usuárias tanto de “crack e similares” quanto de outras drogas. Quantidade de usuários. Relato sobre presença de crianças e grávidas usuárias. Quais são as outras drogas visivelmente usadas. Quais os aparatos utilizados para o uso do “crack e similares”, se são compartilhados entre pessoas. Se existe venda de drogas no local, etc)*

*(Registre aqui informações obtidas sobre a cena caso a mesma não seja localizada no ponto indicado na Folha de Coleta; caracterizar se há cena no entorno do local indicado; se a mesma existia no período do mapeamento; se foi debelada pela polícia ou desfeita por ação da Prefeitura, Governo do Estado, moradores, traficantes etc.; se migrou e para onde; se existe em horário diferente do indicado na Folha de Coleta; com quem e onde obtiveram as informações)*

**3. Aponte, aproximadamente, quantos usuários de “crack e similares” você visualiza no local.** *(Por “crack e similares” entenda-se: crack, pasta base, merla ou oxi, fumados em cachimbos, latas ou copos)*

**4. Essa cena de uso é acessível?**

*(A acessibilidade aqui diz respeito a sua entrada na cena de uso de drogas para observação. Ou seja, a cena pode ser acessível em um dia/período, mas em outro não devido, por exemplo, a confrontos policiais, etc)*

Sim ( ) Não ( ) Justifique:

**5. Anote no quadro abaixo o quantitativo dos usuários de “crack e similares”.**

*(Por “crack e similares” entenda-se: crack, pasta base, merla ou oxi, fumados em cachimbos, latas ou copos)*

5.1.	Número de usuários de "crack e similares" que parecem ser menores de idade (menores de 18 anos):	
5.2.	Número de crianças (menores de 12 anos) usuárias de "crack e similares":	
5.3.	Número de adolescentes (de 12 a 17 anos) usuários de "crack e similares":	
5.4.	Número de mulheres (com 18 anos ou mais) usuárias de "crack e similares":	
5.5.	Número de homens (com 18 anos ou mais) usuários de "crack e similares":	
5.6.	Número de travestis (HOMENS travestidos de mulher, com 18 anos ou mais) usuários de "crack e similares":	

*Nº de mulheres visivelmente grávidas usuárias de "crack e similares":*

**6. Quantos são usuários apenas de outras drogas, que não “crack e similares”?**

*(Anotar aqui a quantidade de pessoas que são usuárias exclusivamente de OUTRAS DROGAS. Mas INCLUA nesta contagem o número de pessoas usuárias de crack, pasta base, merla ou oxi de outras formas que não as descritas acima, como por exemplo, pessoas que fumam estas drogas em cigarros de tabaco ou maconha). NÃO INCLUA aqui usuários de crack, pasta base, merla ou oxi fumados em cachimbos, latas ou copos.*

Quantos são usuários de virado?

#### **6.1. Assinale quais são as outras drogas visivelmente usadas:**

*(Marque abaixo quais são as outras drogas, lícitas ou ilícitas, usadas também na cena de uso. Caso não seja uma das drogas listadas abaixo, descreva no espaço em branco. Anote também misturas de drogas, por exemplo, "crack+maconha em cigarro")*

Álcool ( )    Tabaco ( )    Maconha ( )    Cocaína inalada ( )    Cocaína injetada ( )

Outras ( ): \_\_\_\_\_

#### **7. Descreva seus contatos com as pessoas para desenvolvimento desse mapeamento:**

*(Pessoas com quem você fez contato para poder ter acesso a cena de uso neste dia. Por exemplo, um morador da rua, um comerciante conhecido, associação de moradores, redutores de danos, etc)*

#### **8. Descreva as facilidades e as dificuldades apresentadas para desenvolvimento da pesquisa no local:**

#### **9. Aponte alternativas para dificuldades encontradas no local da pesquisa, listadas acima:**

#### **10. Descreva as estruturas existentes próximas à localidade (Posto de Saúde, ONG etc):**

#### **11. Outras observações importantes:**

*(Anotar aqui todas as outras informações que não foram contempladas acima que você julgue importante para o conhecimento da Coordenação Central do projeto. Também, utilize esse espaço para anotar outros assuntos pertinentes à temática do uso de "crack e similares", de interesse do seu grupo de pesquisa, acordados entre o supervisor e equipe)*

*(Registre aqui informações pertinentes ao recrutamento, inclusive relacionadas ao tempo de permanência no local, caso não seja possível realizar o recrutamento no período previsto na Folha de Coleta, ou seja, da hora indicada para início até o término do turno ou até a conclusão do recrutamento do número previsto de usuários de crack).*